



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

LEANDRO VITURINO DOS SANTOS

A VISOLOGIA DOS SINAIS CASEIROS UTILIZADOS POR
SURDOS E SEUS FAMILIARES EM AMARGOSA-BAHIA:
DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SINAIS CASEIROS E
SINAIS DA LIBRAS

Amargosa – BA
2017

LEANDRO VITURINO DOS SANTOS

**A VISOLOGIA DOS SINAIS CASEIROS UTILIZADOS POR
SURDOS E SEUS FAMILIARES EM AMARGOSA-BAHIA:
DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SINAIS CASEIROS E
SINAIS DA LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca examinadora do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Libras do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como exigência para obtenção do diploma de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ma. Emmanuelle Félix dos Santos

LEANDRO VITURINO DOS SANTOS

**A VISOLOGIA DOS SINAIS CASEIROS UTILIZADOS POR
SURDOS E SEUS FAMILIARES EM AMARGOSA-BAHIA:
DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SINAIS CASEIROS E
SINAIS DA LIBRAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado ao curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em 27 de Setembro de 2017

Banca Examinadora

E. Santos

Profª. Ma. Emmanuelle Félix dos Santos (UFRB)
Orientadora

Geisa Borges de Costa

Prof. Dr. Geisa Borges de Costa (UFRB)
Membro da Banca

Midian Jesus de Souza Marins

Profª. Esp. Midian Jesus de Souza Marins (UFRB)
Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força, pelo ânimo, pelas circunstâncias adversas que passei, pois em nenhum momento me deixou só! Agradeço-te Senhor por tudo, pelo teu cuidado e insondável amor! Obrigado Senhor, por me fazer vencer!

Aos meus pais e avôs, Maria, Talma, Neli e Moacir, apenas palavras seriam impossíveis para expressar minha gratidão. Sou grato a vocês pela renúncia de seus sonhos para proporcionar os meus. Obrigado pela compreensão, atenção, amor, dedicação de toda uma vida, por estarem sempre ao meu lado e pelo incentivo constante que contribuíram para a realização de mais um sonho. Jamais conseguiria alcançar esta vitória sem a presença de vocês. No meu coração resta um único desejo: a vitória que hoje recebo também é de vocês. Serei eternamente grato, amo vocês!

À minha Super Professora Cássia Tannus, por ter auxiliado a mim e a minha família no processo de aceitação da cultura surda, o que tornou todos mais tolerantes, bem como por me inserir no universo da Libras, transformando as minhas perspectivas e práticas comunicativas. Obrigado, sem você não chegaria a Universidade.

À minha amiga Poliana Lima, que desde a educação básica me acompanha, sendo minha professora e intérprete nas escolas e na escola da vida. Obrigado por me fazer acreditar em mim e, por me proporcionar o acesso a uma aprendizagem crítica acerca da Libras e da Surdez.

À minha orientadora Emmanuelle Félix, por ter aceitado a orientação desse trabalho, pelo carinho e paciência ao longo desses quase cinco anos no ensino superior.

Aos meus exemplos de amor, superação e verdade, Ubiratan Subrinho, Adriana Sandes (por serem leitores no processo de meu TCC) e Lumena Carvalho, companheiros de todas as horas, com quem divido minhas alegrias e exaustões e, por me incentivarem a não desistir dos meus projetos.

À minha amiga e intérprete Joádila França, por ter aceitado a tradução/interpretação e acompanhado o desenvolvimento da minha pesquisa. E, por acompanhar em momentos, na Universidade, no trabalho e em outros espaços.

À minhas professoras do Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú, todas têm uma parcela significativa nessa conquista.

Aos informantes da pesquisa.

Aos meus professores Midian Marins, Fabíola Barbosa, Ana Luisa e Gredson dos Santos e colegas. E, claro que não me esqueço de agradecer aos meus intérpretes de Libras.

SANTOS, Leandro Viturino dos. A visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia: diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais da Libras. 73 f. il. 2017. Monografia em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa – Ba, 2017.

RESUMO

O presente trabalho de natureza monográfica objetivo analisar as semelhanças e diferenças entre os sinais da Libras e sinais caseiros (SC) utilizados por surdos e seus respectivos familiares que não têm acesso à Libras ou pouco contato, no município de Amargosa, estado da Bahia. Para tanto, a discussão dos dados construídos foi feita com base em estudos de autores como Barros (2008); Quadros e Karnopp (2004); Adriano (2010); Santana (2007) e outros que discorrem sobre os parâmetros visológicos da Libras e SC. Esta pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa através de uma análise descritiva tendo com instrumento de coleta de dados questionários e gravação de sinalizações de lexia do campo semântico de alimento aplicados a seis surdos e seus respectivos familiares. Este estudo possibilitou compreender que os SC são uma porta de entrada para aquisição da Libras e que são produções visuo-espaciais convencionadas no ambiente familiar, portanto, os sinais caseiros devem ser contextualizados e valorizados para que esses sujeitos consolidem uma identidade linguística, ou seja, se aproprie da Libras. As análises dos sinais coletados pelos surdos e seus familiares demonstraram estes sinais são possuem detalhes (parâmetros) semelhantes aos encontrados nos sinais convencionais. As famílias combinam com surdos para usarem sempre os mesmos parâmetros, como se eles criassem dicionário caseiro para comunicar distanciando de gestos.

Palavras-chave: Sinais Caseiros. Libras. Visologia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sinal para indicar ALIMENTO.....	13
Figura 2 – Sinal para indicar SALGADINHO	13
Figura 3 – Sinal para indicar VITAMINA	14
Figura 4 – Tipos de materiais acadêmicos	16
Figura 5 – Produções por período	17
Figura 6 – Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos, em 1875.....	22
Figura 7 – Configurações de mãos em 1995	26
Figura 8 – Configurações de mão em 2012.....	26
Figura 9 – Os sinais são articulados através dos dedos, das mãos, dos dorsos/ palmas.....	27
Figura 10 – Sinais que mudam pelo CM.....	27
Figura 11 – Um sinal pode ter mais uma configuração de mão	28
Figura 12 – Três CM diferentes.....	28
Figura 13 – Sinais que mudam pela locação	30
Figura 14 – Um sinal articulado pode ter mais uma locação	30
Figura 15 – Sinais com e sem movimentos	31
Figura 16 – Sinais que mudam pelo movimento	31
Figura 17 – Sinais que distinguem pela orientação de mão	32
Figura 18 – Sinais que se distinguem apenas pela ENM	33
Figura 19 – Sinais que mudam pela ENM	33
Figura 20 – Esse sinal é do pesquisador	34
Figura 21 – BANANA	48
Figura 22 – BOLACHA	49
Figura 23 – BOLO.....	51
Figura 24 – CARNE	52
Figura 25 – CEBOLA.....	54
Figura 26 – COCO	55
Figura 27 – FRANGO	57
Figura 28 – MANTEIGA	58
Figura 29 – PÃO.....	60
Figura 30 – PIMENTA.....	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Essas regiões fazem parte dos sinais articulados	29
Quadro 2 – Perfil dos informantes	43
Quadro 3 – Ilustrações de alimentação	46
Quadro 4 – <i>Corpus</i> de análise	47
Quadro 5 – Síntese comparando as semelhanças e diferenças entre os sinais realizados pelos surdos e os encontrados no dicionário	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AASI – Aparelhos de Amplificação Sonora Individual
- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- ASL – American Sign Language
- CAPI – Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú
- CM – Configuração de Mão
- CT – Comunicação Total
- EFC – Expressão facial e/ou corporal
- ENM – Expressão não-manual
- FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
- INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- L – Locação
- LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
- LS – Língua de Sinais
- LSF – Língua de Sinais Francesa
- M – Movimento
- O – Orientação
- PA – Ponto de Articulação
- SC – Sinais Caseiros
- SRM – Sala de Recursos Multifuncionais

SUMÁRIO

1. SINAIS QUE SE INICIAM	10
1.1 Uma vida surda em tantas outras	11
1.2 Quando os sinais aparecem e a Libras não: o cenário das pesquisas sobre sinais caseiros	16
1.3 Situando a pesquisa e seus desdobramentos.....	18
2. A VISOLOGIA DOS SINAIS: ESTUDO DOS PROCESSOS CONSTITUTIVOS	20
2.1 A palavra na Libras: processo histórico e linguístico de sua formação.....	21
2.1.1 Visologia da Libras: uma breve descrição	24
2.2 Sinais caseiros: do que estamos falando?	35
3. O CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	40
3.1 Sobre a abordagem e a escolha do campo semântico	40
3.2 Instrumentos e técnicas de coleta de dados	41
3.3 Os sinalizantes da pesquisa.....	42
3.3.1 Perfil dos entrevistados	43
4. UMA ANÁLISE DAS DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SINAIS CASEIROS E SINAIS DA LIBRAS	46
4.1 A lexia BANANA	48
4.2 A lexia bolacha	49
4.3 A lexia bolo	51
4.4 A lexia carne	52
4.5 A lexia cebola	54
4.6 A lexia COCO	55
4.7 A lexia FRANGO	56
4.8 A lexia manteiga.....	58
4.9 A lexia PÃO	60
4.10 A lexia pimenta.....	61
OS ÚLTIMOS SINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	70

SINAIS QUE SE INICIAM...

As mãos rompem o silêncio e fazem a comunicação de quem não ouve, mas vê, sente e se emociona. (Autor desconhecido).

Escrever não é algo tão fácil, mas nem sempre poderei sinalizar! Assim, este trabalho é resultante de um esforço para traduzir os sinais caseiros (SC) que foram lapidados no desejo de adentrar em uma descoberta sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a língua que me constitui, que me desenvolve no processo de aprendizagem, que bateu na porta do meu cérebro para trazer diversos conhecimentos. Consigo me comunicar com qualquer pessoa que saiba minha língua, que me leva ao mundo dos surdos e, percebo-me que não sou uma pessoa com deficiência e, sim possuo identidade e cultura surda, sou diferente e muito grato pelo movimento surdo que luta para valorizar nossa língua, a Libras. Se eu não adquirisse essa língua, não conseguiria entrar na Universidade para realizar a pesquisa monográfica.

Mas, essa língua, a Libras, nem sempre esteve presente, principalmente na infância. Assim como muitos surdos no Brasil, nasci em família de ouvintes e, conseqüentemente, no meu desenvolvimento linguístico utilizava de apontação (dêiticos) e, posteriormente, "gestos"- como consideram a comunicação não oral estabelecida entre filho surdo e família ouvinte. Mas são apenas gestos? Após a descoberta da Libras, não seriam sinais¹? Porque seriam gestos e não sinais? O que os diferenciam e aproximam?

Em vista destes questionamentos, esta pesquisa apresenta como objetivo geral investigar as diferenças e semelhanças entre os sinais da Libras e os sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia. E apresenta os seguintes objetivos específicos: a) conceituar os sinais na Libras; b) compreender o conceito de sinal caseiro e seu uso em surdos; c) identificar os sinais caseiros utilizados por surdos de Amargosa; d) analisar a composição visêmica dos sinais caseiros e sua relevância ao desenvolvimento dos surdos, filhos de pais ouvintes; e) contrapor no campo visológico os sinais da Libras com os sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia.

Muitas pessoas, inclusive o próprio surdo, consideram que esse modo de comunicação dos surdos filhos de pais ouvintes são simplesmente gestos inventados por eles, não valorizam essa construção simbólica que permeia essa comunicação. Portanto, esta pesquisa de justifica por elucidar a importância dessa comunicação e descrever a estrutura destes sinais caseiros.

¹ É a palavra na língua de sinais, constituída de parâmetros, ou seja, unidades mínimas, de maneira análoga a palavra nas línguas orais.

Assim, esta busca se inicia apresentando as experiências comunicacionais do pesquisador, que é surdo, e destaca em sua memória de vida a relevância do tema na sua constituição, por isso, a escrita inicial do trabalho se dará na primeira pessoa do discurso. Contudo, após essa explanação pessoal, por dialogar com outros sujeitos, sejam pesquisadores ou surdos de Amargosa e seus familiares, apresentaremos nossas reflexões na terceira pessoa do discurso.

1.1 Uma vida surda em tantas outras

A pessoa surda é o indivíduo que interage com o mundo por meio de experiências visuais. Contudo, essa é uma conceituação muito limitada e objetiva, que não dá conta, tão somente, de elucidar as características e vivências do surdo e da cultura surda. Existem diversos níveis de surdez e perfil de surdos, há surdos que utiliza para comunicação somente a língua de sinais (LS), outros que só oralizam, bem como os surdos que dominam a LS e são oralizados, também os que desconhecem o método da oralização e a língua de sinais, buscam comunicar-se por intermédio de sinais caseiros. Enfim, diversos são os modos de se vivenciar a surdez. Embora existam particularidades diversas na formação indenitária do surdo, há mais similaridades que distinções, todos buscam a inclusão, sobretudo no seio familiar.

Assim, destaca-se um fator preponderante na relação intrafamiliar, sobretudo na de filhos surdos e pais ouvintes. Segundo Paniagua (2004), nessa configuração familiar, as pessoas com deficiência² passam por situações e momentos muito similares, há diversas fases vivenciadas por esses sujeitos, sendo as mais comumente constatadas, a fase de choque, de rompimento das expectativas da família, fase de negação [da surdez] por parte da família e da culpabilização, também os processos de adaptação e orientação [da surdez]. Além desses momentos, com relação aos processos comunicativos, têm-se outras práticas que são similares entre as famílias de indivíduos surdos, à utilização de sinais caseiros em um sistema comunicativo interno para os diálogos familiares.

E é neste contexto de similar a tantos outros surdos que nasci, surdo em uma família de ouvintes conhecendo a Libras somente aos 7 anos, no ano de 2000. Minha história de vida possui particularidades que só eu vivi, mas similaridades entre tantos outros surdos que existem por esse mundo a fora.

² Considera-se pessoa com deficiência não aquela inferior, mas, por ter algum impedimento sensorial é impedida por alguma barreira ou falta de acessibilidade de conviver socialmente.

A descoberta da minha surdez foi aos nove meses de idade através da minha avó. Meus pais até então não tinham percepção de que tinha uma surdez, naquele tempo (1993) não era comum o teste da orelhinha³, o que dificultava o diagnóstico das famílias sobre uma possível surdez. A hipótese da minha avó de que talvez possuísse uma perda auditiva foi confirmada por um profissional da saúde.

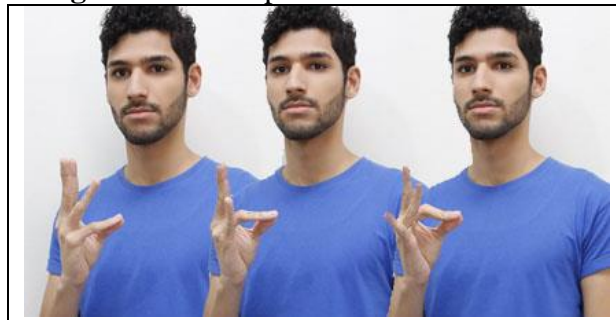
Minha família passou por vários tipos de emoções que toda família de uma pessoa com deficiência passa. Inclusive, a sensação de incapacidade por apresentar uma limitação auditiva. Essa concepção não é algo exclusivo da minha família, das famílias das pessoas com deficiência, das famílias de pessoas surdas de um modo geral, e sim, da nossa sociedade.

Minha mãe, no seu dom maternal de ser e que é próprio de toda mãe, nunca desistiu de mim. Esforçou-se para buscar os conhecimentos de como se comunicar comigo. Por orientações médicas e de amigos, encontrou na Metodologia da Oralização, uma forma de me preparar para o mundo. Foi assim, que adquiri uma habilidade na oralização com apoio de recursos auditivos, técnicas de oralização e acompanhamento de fonoaudiólogo.

Conforme discorre Adriano (2010), no passado os familiares de surdos eram influenciados pelos profissionais de saúde como médico, fonoaudiólogo e psicólogo que consideraram surdez um defeito que necessitava de tratamentos como aparelho auditivo/implante coclear e oralização, não se importaram com os aspectos cognitivos e sociólogos que envolvem a pessoa surda, não tinham valorizado a cultura e identidade surda.

Nos meus três anos de idade, não tinha muita facilidade em oralizar e nem de utilizar aparelho auditivo, existia uma barreira comunicativa em se expressar e ser entendido. Vi a necessidade de utilizar as mãos para me comunicar com meus familiares, apontava as coisas com o dedo indicador; assim, naturalmente, desenvolvemos em nosso meio familiar uns sinais caseiros. Desconhecíamos a Libras, então, esse foi o único recurso visual que nos ajudou a conversar, interagir e se relacionar dentro de casa. Como exemplo podemos demonstrar o sinal que minha mãe utilizava para indicar a sequência de alimentos.

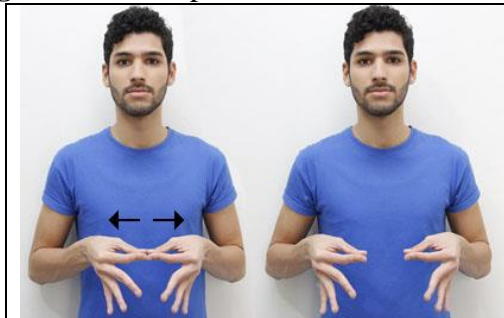
³ Exame obrigatório e gratuito, realizado após o nascimento do bebê para diagnosticar a deficiência auditiva, deliberado pela Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Figura 1 – Sinal para indicar ALIMENTO

Mão dominante aberta dedos afastados, em frente ao busto. A ponta do polegar tocando a ponta do dedo mínimo, depois a ponta do dedo anelar e logo em seguida a ponta do dedo médio.

Fonte: Elaboração do autor.

Esse único sinal ela utilizava antes de dormir para perguntar qual alimento eu queria naquele momento. Quando ela apontava o dedo mínimo se referia o leite, o anelar para achocolatado e o dedo médio se referia à bolacha. Assim, eu indicava o dedo fazendo o sinal e respondendo o alimento que eu queria. Também utilizávamos o seguinte sinal com mão em pinça para salgadinho *Figura 2* e o sinal com dedo polegar em direção à boca com movimento de sugar na boca *Figura 3* para indicar de que eu queria vitamina.

Figura 2 – Sinal para indicar SALGADINHO

Dedos mínimos, anelares e médios levantados e dedos indicadores e polegares unidos pelas pontas. Palmas da mão espelhada. Em seguida, as pontas dos dedos indicadores e polegares se afastam simultaneamente, como se abrisse a embalagem do salgadinho.

Fonte: Elaboração do autor.

Figura 3 – Sinal para indicar VITAMINA

Mão direita fechada com o polegar levantado, palma da mão para a esquerda. A ponta do polegar se direciona para a boca. Expressão facial de ingerir alguma bebida.

Fonte: Elaboração do autor.

Não recordo de utilizar sinais para além de comunicação básica como indicar alimento ou pessoas, mas a importância desses SC é que minha mãe e eu conseguíamos nos compreender. Combinamos e criávamos um sinal caseiro para situações emergentes.

Sobre os sinais caseiros Digiampietri ressalta que “[...] o fazem apenas para satisfazer algumas necessidades básicas da criança e criam alguns 'sinais caseiros' para expressar o que está na hora de comer, dormir ou brincar, por exemplo” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996 *apud* DIGIAMPIETRI, 2009, p. 17).

Na década de 90, as informações sobre a surdez e LS eram pouco difundidas no país, ou melhor, a maioria dos familiares ouvintes de surdos não conhecia a língua do povo surdo brasileiro, portanto, as pessoas surdas eram consideradas incapazes de se comunicarem se não “falassem” como ouvintes.

Conheci a Libras por intermédio de uma professora e coordenadora da área de surdez do Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú (CAPI) no estado de Bahia. Quando obtive uma reprovação na escola regular por não ter uma língua de instrução formada para o processo de ensino aprendizagem na sala de aula, foi impossível alcançar bons resultados no processo de escolarização. Mas com o aprendizado da Libras, a relação "eu e os outros" ou "eu e o mundo" foi melhorando e assim, me constitui enquanto surdo.

Com a Libras minha vida mudou, meu interesse em aprender mais e mais sobre essa língua era crescente, refletia sobre as dificuldades e limitações da oralização que na Libras não possuía. Dois anos mais tarde, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei da Libras nº. 10.462 no dia 24 de abril de 2002, que reconhece oficialmente a Língua Brasileira de Sinais - Libras,

[...] como meio legal de comunicação e expressão [...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Posteriormente o presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta essa lei e garante, dentre outras questões, o ensino da Libras para os surdos, a presença de intérprete obrigatoriamente na sala de aula desde as séries iniciais, em instituições públicas como hospitais, bancos, o ensino bilíngue e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na área de surdez. A Libras também se tornou obrigatória nos cursos de licenciatura, se firmando socialmente e trazendo melhorias para todo surdo e, principalmente para mim e, para meu processo escolar.

Mesmo com a proficiência na Libras, minha mãe e eu, ainda continuamos a usar alguns sinais caseiros e sinais da Libras. Também identificando que alguns sinais caseiros são análogos aos sinais na Libras por exemplo, o sinal COMER, CALOR, etc.

Essa percepção reflexiva entre os sinais caseiros e a Libras, acentuou-se na minha experiência como professor surdo do AEE na área de surdez da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) em uma escola municipal de Amargosa. Os alunos surdos que atendia para o ensino de Libras traziam consigo sinais caseiros onde eram substituídos por sinais da Libras. Essa substituição não era tão fácil, encontrava barreiras para transmitir os sinais gramaticais devido à presença de sinais primários já utilizados durante toda existência.

Os estudantes surdos da SRM “não tinham acesso às informações necessárias para a construção de uma identidade linguística; eles se expressavam e interagiam com outras pessoas ouvintes ou surdas através de uma linguagem que lhes era comum” (ADRIANO, 2010, p. 16). Em muitos casos, o AEE é o único espaço que possibilita o encontro dos surdos com outros surdos, e nesse diálogo é natural a mistura de sinais da Libras com sinais caseiros.

Nos atendimentos de Libras era muito comum questionamentos e posições, por parte dos surdos, como “esse sinal é certo e esse é errado”, “não conheço esse sinal” com manifestações faciais de estranhamento/rejeição/desconfiança. Enquanto professor pesquisador observava as interações deles e refletia sobre os sinais que eles utilizavam e as reações das descobertas sobre a Libras, momentos parecidos como muitos momentos da minha vida.

Estas vivências pessoais e como o professor de AEE aguçaram o interesse de investigar a constituição e o "desprestígio" que é dado a esses sinais primários. Academicamente esse tema ainda é escasso, ou seja, as pesquisas sobre esse tema são recentes

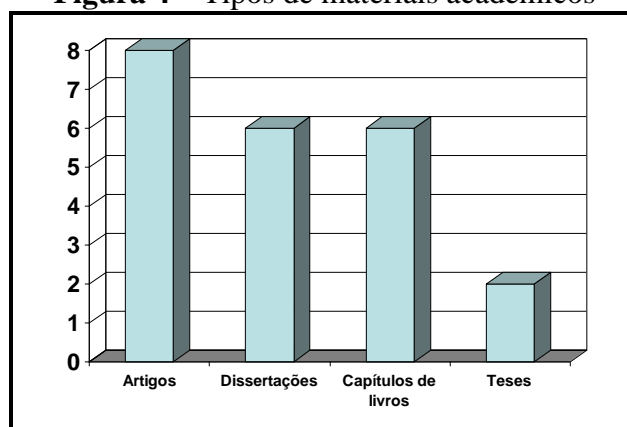
e necessitam de uma visibilidade. Assim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a propagação desse tema e o fortalecimento de mais pesquisas na área.

1.2 Quando os sinais aparecem e a Libras não: o cenário das pesquisas sobre sinais caseiros

Muitos surdos que não tiveram a aquisição da Libras ou a tiveram tardiamente utilizavam na comunicação com seus familiares ouvintes sinais outrora caracterizados como gestos e denominados de sinais caseiros. Apesar da maioria dos surdos no Brasil participarem desse processo de utilização de sinais caseiros, essa questão é pouco abordada nos estudos sobre Libras. Assim, esta pesquisa se apresenta na necessidade de fazer reflexão sobre estes sinais e, distanciá-los da demarcação de simples gestos.

Logo, o tema sinais caseiros não é tão acessível nas literaturas surdas, haja vista a sua ausência nos livros que discutem Libras e surdez conforme falamos. Conseqüentemente, para desenvolver esta pesquisa foi necessário conhecer a produção existente, para assim, buscarmos subsídios teóricos. Assim, iniciamos uma busca sobre "sinais/gestos caseiros" no repositório da biblioteca virtual *SciElo* e não encontramos nenhuma pesquisa. Não tendo êxito, começamos a buscar dados no *Google* e encontramos 22 pesquisas que apresentam nas suas discussões alguma relação com o tema sinais ou gestos caseiros produzidos entre os anos 1989 a 2017. Para melhor compreensão destas pesquisas, realizamos uma tabulação em gráfico apresentada na *Figura 4*, que especifica os tipos de textos encontrados:

Figura 4 – Tipos de materiais acadêmicos



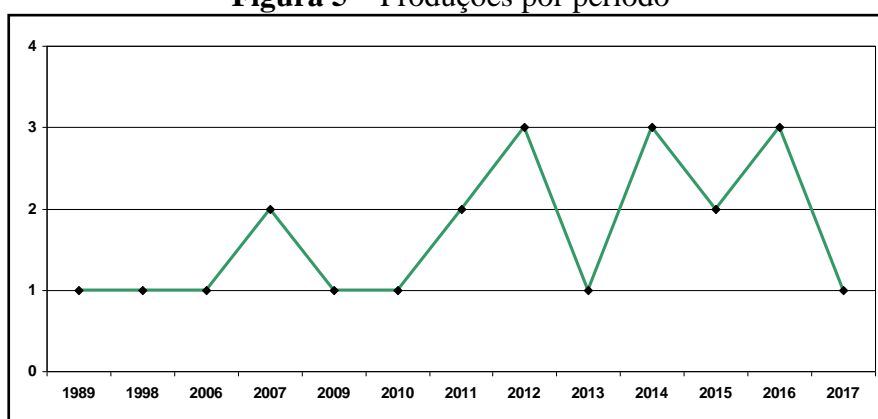
Fonte: Elaboração do autor.

Podemos verificar na *Figura 4* que, das 22 pesquisas encontradas, 8 estão em formato de artigo, 6 em dissertações, 6 em ou dentro de capítulos de livros e 2 teses. Dentre as teses,

uma é datada de 1989, portanto, utiliza o termo gestos caseiros para se referenciar a comunicação dos surdos, mas não especificamente a comunicação entre surdos e família ouvintes. Percebemos na leitura do trabalho que este termo foi utilizado para se referenciar a LS que, na época, ainda não tinha um reconhecimento linguístico, mas optamos em incluí-la na pesquisa por apresentar em todo seu texto a referência ao léxico "gestos".

Na *Figura 5*, podemos averiguar um crescimento nas pesquisas sobre esse tema a partir de 2007, apesar de ter um declínio nos anos seguintes. Como a Libras foi reconhecida em 2002, é compreensível que estas produções realmente apareçam neste período.

Figura 5 – Produções por período



Fonte: Elaboração do autor.

Os temas dos trabalhos foram diversos, portanto, a leitura de seus títulos, resumos e palavras-chave nos possibilitaram agrupar os trabalhos nos seguintes temas:

- a) Um (1) trabalho sobre a constituição da subjetividade dos sujeitos surdos;
- b) Três (3) trabalhos se referem a estudos sobre línguas de sinais indígenas;
- c) Dois (2) trabalhos tratam da gestualidade das línguas naturais;
- d) Seis (6) trabalhos discutem a temática aquisição de linguagem, sendo um sobre aquisição da língua de sinais por familiares e um sobre o processo de consciência fonológica na aquisição da LS;
- e) Dez (10) trabalhos apresentam relação com tema de estudos desta pesquisa, ou seja, abordam em seus objetivos discussões sobre sinais/gestos ou língua de sinais caseiros. É através da leitura destas pesquisas que embasaremos nossas discussões posteriores.

1.3 Situando a pesquisa e seus desdobramentos

O relato de vida e as poucas leituras das pesquisas apresentadas anteriormente nos intencionam a investigar o tema em questão. A reflexão pessoal que iniciou esta pesquisa permitiu perceber o quão o tema estava imbricado com a necessidade de dialogar mais sobre o dizer do surdo que ainda não usa Libras. Desse modo, essa pesquisa surge a partir da seguinte questão: Quais as diferenças e semelhanças entre os sinais da Libras e os sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia?

Assim, esta pesquisa objetiva analisar as diferenças e semelhanças entre os sinais da Libras e os sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia através de uma descrição visológica e comparativa de ambos os sinais.

Para tanto, se faz necessário conceituar os sinais na Libras; compreender o conceito de sinal caseiro; identificar os sinais caseiros utilizados por surdos e familiares de Amargosa através de gravações; analisar a composição visêmica dos sinais caseiros e, contrapor no campo visológico os sinais da Libras com os sinais caseiros utilizados por surdos e familiares em Amargosa – BA.

Diante do contexto apresentado, tomamos como metodologia uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, na cidade citada, tendo sujeitos de análise 6 surdos filhos de pais ouvintes que ainda não são usuários da Libras ou que tiveram aquisição tardia e seus respectivos familiares. Contudo, para análise dos sinais caseiros utilizaremos apenas as sinalizações de 10 lexias de alimentos realizadas pelos surdos, as quais foram confirmadas pelos seus familiares ouvintes, totalizando 13 informantes. Ratificamos a análise de dados se dará apenas com as sinalizações dos surdos.

Desse modo, este trabalho monográfico encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro corresponde à introdução, intitulado *sinais que se iniciam...* onde apresentamos, sucintamente, a relação do pesquisador com o tema, a contextualização, um breve mapeamento das pesquisas produzidas sobre o tema, seguido da questão da pesquisa, dos objetivos, do percurso metodológico e as partes que compõe este trabalho.

O segundo capítulo, *a visologia dos sinais: estudo dos processos constitutivos* apresentamos um breve histórico sobre a Libras e sobre os estudos lingüísticos, especificamente, sobre a formação dos sinais, ou seja, os parâmetros da Libras. Em seguida

apresentamos uma reflexão sobre sinais caseiros a partir das leituras de Adriano (2010) e Albares & Benassi (2015) e demais autores que tem discutido a temática.

No terceiro capítulo, *O contexto metodológico da pesquisa*, como próprio título anuncia, apresentamos a abordagem metodológica da pesquisa, o perfil dos sujeitos envolvidos e os instrumentos utilizados para coleta de dados.

O quarto capítulo denominado de *Uma análise das diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais da Libras*, apresentamos a análise dos sinais caseiros e sinais da Libras com base nos dados coletados através de descrição dos sinais identificados nas entrevistas com os sujeitos surdos e seus familiares em Amargosa – Bahia.

Por fim, apresentamos algumas considerações finais sobre os resultados desta pesquisa demonstrando o nosso cuidado e apreço ao objeto investigado e, realce, os anexos e apêndice.

2. A VISOLOGIA DOS SINAIS: ESTUDO DOS PROCESSOS CONSTITUTIVOS

Para fugir do isolamento social [...] a criança surda usa gestos, icônicos e indicativos, a fim de comunicar-se com os ouvintes (SANTANA, 2007, p. 79).

Entende-se por visologia⁴ os estudos linguísticos de formação do sinal, que é a palavra nas línguas de sinais. O uso deste termo ainda não é muito utilizado, assim como o termo quirologia empregado por Stokoe em 1960 nos Estados Unidos. Contudo, compreendemos a necessidade política de demarcar que a Língua de Sinais é visual e, portanto, o termo fonológico conota a ideia de som, o que descaracteriza a peculiaridade das línguas de sinais. Desse modo, em concordância com os estudos de Barros (2008), onde, com muita sabedoria, apresenta a seguinte reflexão sobre a mudança do termo quirologia para visologia:

Mudo a raiz de quir- para vis- pois todo o resultado da realização das LS é visual e argumento que, mesmo sendo nomenclaturas equivalentes, visema e fonema, não são iguais e suas diferenças precisam ser acentuadas a fim de compreendermos sua verdadeira natureza e seu processamento. O fato de um termo representar unidades sonoras e o outro representar unidades visuais dá outra dimensão de precisão a partir da qual poderemos ser capazes de captar melhor as diferenças semióticas de uma modalidade e outra. (BARROS, 2008, p. 14-15).

Os estudos visêmicos das línguas de sinais tem acessão com os estudos de Stokoe (1960) através de definições de parâmetros constituintes dos sinais, a saber, visemas⁵. Contudo os estudos dos sinais utilizados por surdos não usuários da Libras ainda é incipiente e periféricos, ou seja, não há uma divulgação da importância destes sinais na comunicação humana e da sua constituição linguística.

Desse modo, este capítulo objetiva descrever a visologia dos sinais da Libras e, concomitante, compreender o fenômeno dos sinais caseiros ou não convencionais no intuito de subsidiar as possíveis reflexões sobre as semelhanças e diferenças destes sinais.

⁴ Termo utilizado por Barros (2008) em sua tese de forma análoga aos termos quirologia usado por Stokoe (1960) e fonologia utilizada pelas autoras Quadros e Karnopp (2004) para se referenciar aos estudos linguísticos de combinação de visemas ou quiremas ou fonemas.

⁵ Unidades mínimas visuais de uma língua de sinais (BARROS, 2008).

2.1 A palavra na Libras: processo histórico e linguístico de sua formação

Sabemos que a história dos surdos e de sua língua sempre foi cheia de barreiras e lutas, mas a comunidade surda sempre resistiu e lutou pelos seus direitos. De acordo com Guarinello (2007), Aristóteles acreditava que se a pessoa surda (chamada *muda* na idade antiga) não podia falar, conseqüentemente não podia pensar visto que "para atingir a consciência humana, tudo deveria penetrar por um órgão do sentido, e ele considerava a audição o canal mais importante do aprendizado" (GUARINELLO, 2007, p. 20). Os surdos também eram considerados doentes mentais e mundialmente incapazes pela sociedade. "A crença de que o surdo era uma pessoa primitiva fez com que a ideia de que ele não poderia ser educado persistisse até o século XV" (GOLDFELD, 2002, p. 28).

É somente a partir do século XVI que as iniciativas para educar os surdos se iniciam, mas não prevalecia o uso da LS, o ensino de dava através da escrita, oralização e uso de alguns sinais.

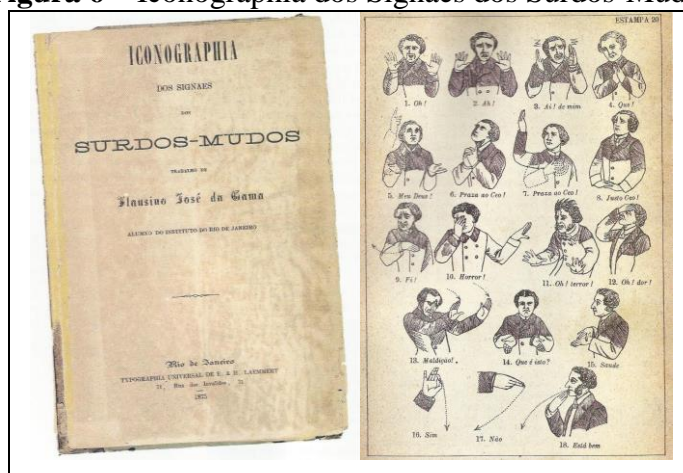
Pedro Ponce de León, monge beneditino espanhol [...] foi chamado para as educar crianças surdas, em geral filhas de nobres. Seus alunos eram ensinados a falar, escrever, ler, fazer contas, orar e confessar-se pelas palavras, a fim de ser reconhecidos como pessoas (GUARINELLO, 2007, p. 21)

O contexto relatado por Guarinello (2007) era um processo comum aos surdos no mundo. Antes do reconhecimento linguístico da LS os surdos tentavam se comunicar através de gestos, escrita, sinais e da leitura labial.

Para Diniz (2011) a LS no Brasil iniciou no século XIX quando o imperador Dom Pedro II convidou professor francês E. Huet, que ficou surdo aos doze anos de idade, para ensinar Língua de Sinais Francesa (LSF) aos surdos brasileiros, no Rio de Janeiro. Em 1857, D. Pedro II fundou, através do professor Huet, a primeira instituição especializada para surdos do Brasil, era chamada Instituto Nacional de Surdos–Mudos (INSM) e foi criado pela Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857 alterando seu nome para Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Por isso, no início os sinais do Brasil eram parecidos com os da França, visto que a influência da LSF de Huet na escola de surdos, mas com o tempo a língua passou por mudanças internas. Além da influencia do professor surdo francês, se destacou a reprodução do dicionário francês de P. Pelissier pelo aluno do INES, o Sr. Flausino José da Gama. Era

"um dicionário de sinais para facilitar a comunicação entre alunos e professores ouvintes do INES" (DINIZ, 2011, p. 27).

Figura 6 – Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos



Fonte: INES (2011).

Essa obra teve uma repercussão positiva na vida dos surdos e na sua educação. Os surdos e seus familiares passaram a incorporar os sinais do dicionário em sua comunicação e a impressão deste material propiciou uma maior propagação da língua de sinais no Brasil.

As metodologias e gramáticas publicadas incorporam a LSF, de 1857, determinado a mudança das regras das variantes que os alunos surdos já dominavam anteriormente, provavelmente um proto-língua, ou os elementos linguísticos, como gestos, pidgin, iconicidade, para se comunicarem. Essa referencia pode indicar a existência de uma língua brasileira de sinais - Libras. A LSF, junto com essa "proto-língua", vai dar corpo à constituição da LSB no Brasil (QUADROS; CAMPELLO, 2010, p. 20).

Contrariamente a este processo de valorização da LS, em 1880⁶, ocorreu o II Congresso de Milão na Itália e proibiram o uso da língua de sinais, obrigando os surdos a aprenderem a falar para facilitar a comunicação através da voz com ouvintes. A LS começou a ser desvalorizada e desprezada pela sociedade e pela educação. Essa proposta influenciou a instituição de surdos do Rio de Janeiro, que fez alteração em seu ensino, acatando a decisão do congresso de impedir o uso da língua sinalizada. Mas, os alunos do INES continuavam

⁶ “[...] essa data ainda é lembrada como a mais sinistra de sua historia: como se fosse mesmo o ‘11 de setembro’ deles quando desabaram as torres gêmeas da cultura e da língua de sinais, a do método manualista para educação dos surdos. Ali começou uma longa e amarga batalha para defender o direito de vida da língua de sinais.” (RÉE, 2005 *apud* STROBEL, 2008, p. 90).

sinalizando escondidos nos refeitórios e dormitórios, enquanto as aulas na classe eram oral (DINIZ, 2011). Isso significa que sempre foi e é a resistência dos surdos pela sua língua natural, mas por que essa língua depende deles? Qual a importância da língua de sinais para os surdos? Por que eles estão lutando pela língua? A luta pelo reconhecimento da LS se tornou a meta principal dos surdos por acreditar que a língua é natural, possui gramática, auxilia os surdos a se desenvolverem.

Como meio de fortalecer a luta em prol dos seus direitos e, principalmente, se sua língua, os surdos criaram a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) que é uma entidade que defende e luta pelos direitos da comunidade surda brasileira, educacional e social, além disso, é a maior associação responsável por movimentos surdos. Apesar das lutas, a Libras continuou sendo considerada inferior e desvalorizada durante muitos anos pela sociedade, mas ela (a língua) "nunca desistiu de viver" (DINIZ, 2011).

De acordo com os autores Diniz (2011); Brito, Neves e Xavier (2012) o movimento social e político do surdo se manifesta na década de 80 e toma resistência na década de 90, junto com comunidade surda⁷ do Brasil, das associações de surdos e da FENEIS, esse movimento se desenvolve e luta pela valorização e reconhecimento nacional da Libras.

Fruto destas lutas, em 2002, o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou a Lei 10.436 que reconhece oficialmente a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como “forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

Posteriormente, o presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou o decreto nº 5.626/05 que regulamenta essa lei e garante o ensino da Libras para os surdos, a presença de intérprete obrigatoriamente na sala de aula desde as séries iniciais e em instituições públicas e privadas, inclusão da Libras como disciplina nos cursos de licenciatura, fonoaudiologia., dentre outros. Contudo essas políticas ainda tem sido escassas e muitos surdos no Brasil adultos ainda desconhecem a Libras ou não a reconhecem como sua língua por desconhecer os benefícios que ela nos proporciona seja na comunicação, seja cognitivo, seja socialmente. Assim, por falta de acesso a Libras, muitos surdos filhos de pais ouvintes desenvolvem até hoje outros mecanismo de comunicação, como os sinais caseiros.

⁷ “[...] a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes – membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns, em uma determinada localizada” (STROBEL, 2008, p. 29).

2.1.1 Visologia da Libras: uma breve descrição

Na década 60, William Stokoe, um pesquisador linguístico americano começa a pesquisar a estrutura linguística da American Sign Language (ASL) e define a comunicação dos surdos como uma língua, assim como as línguas orais constituída de gramática e estrutura própria. Na mesma década ele propôs o termo “quirologia” ao invés de fonologia para caracterizar os estudos linguísticos das unidades mínimas que compõe o sinal (palavra) devido o termo quirologia representar, em grego, “mão”, ou seja, especificar os estudos das mãos utilizadas nas sinalizações e não o estudo da voz conforme ocorre nas línguas orais.

Apesar de propor o uso desse termo quirologia, Stokoe (1960), em edição posterior (1978) voltou a utilizar os termos Fonema e Fonologia com argumento de que esses termos são de línguas naturais e que as línguas de sinais "compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfícies entre fala e sinal" (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 48).

Contudo, apesar desta justificativa, conforme discorremos no início deste capítulo, concordamos com Barros (2008) de que o termo fonologia, apesar de significar o ramo da linguística que estuda as unidades mínimas das línguas em geral, não conota em seu termo a especificidade das línguas de sinais e, por isso, acordamos de utilizar o termo visologia como posição política de demarcar este estudo.

O estudo de Stokoe (1960 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004) e demais pesquisadores foi muito importante para o reconhecimento da peculiaridade das línguas de sinais, principalmente sobre a estrutura simultânea que se estabelecem a organização dos elementos das línguas de sinais. Ao descrever esta estrutura especificou que "os sinais apresentam uma estrutura dual⁸, isto é, que podem ser analisados em termos de um conjunto de propriedades distintivas (sem significado) e de regras que manipulam tais propriedades" (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 48).

O linguista americano apresentou três aspectos que compõe o sinal na ASL, a saber: a) configuração de mãos; b) Locação de mão ou Ponto de Articulação; c) Movimento da mão. Posterior a esta descrição, outros pesquisadores como Battison (1974), Klima e Bellugi (1979) apresentam mais dois aspectos, a saber: d) Orientação da mão; e) Expressões não-manuais.

⁸ Quando uma letra, unidade ou fonema, representa o que? Não tem significado, daí necessita juntar mais fonemas para formar uma palavra ou moferma. Moferma apresenta vários significados, é possível mudar uma unidade (letra) para combinar várias formas. Assim como os parâmetros da Libras, que sinaliza um parâmetro que não tem significado, para isso, é preciso juntar mais detalhas para formar um sinal significado.

Estes aspectos são denominados de parâmetros e, foi a partir destes estudos que iniciaram os estudos linguísticas da Libras. (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato, em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de **parâmetros** [...] (ALMEIDA, 2013, p. 78).

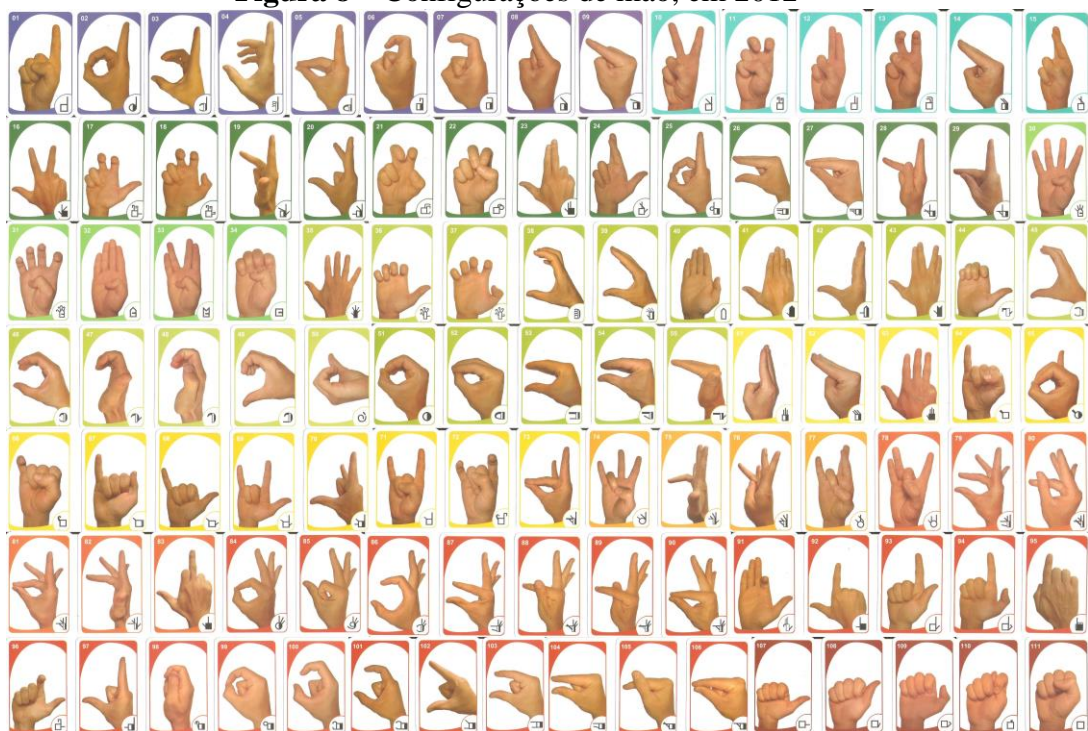
A Libras é a língua de sinais do Brasil assim como a língua oral é o português. Ela é uma língua natural das comunidades de pessoas surdas brasileiras. Contudo, existem mitos de que a Libras é português sinalizado, linguagem, mímica/gesto. Os estudos linguísticos têm comprovado de que ela é uma língua como a língua oral, possui estrutura visológica, morfológica e sintática, mas neste estudo abordaremos apenas a estrutura visológica devido ao nosso recorte de pesquisa. Portanto, faremos uma explanação dos parâmetros que compõe o sinal com base nos estudos descritos anteriormente e traduzidos por Ferreira-Brito (1990) e Quadros e Karnopp (2004).

a) Configurações de Mão (CM): É a forma das mãos durante a realização dos sinais, não têm relação direta com a grafia das palavras no português, apesar de algumas representarem as letras do alfabeto da língua portuguesa. Inicialmente Ferreira-Brito & Langevin (1995) encontram 46 CM que, “[...] foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhante entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CM básicas ou CM variantes” (QUADRO e KARNOPP, 2004, p. 53).

Figura 7 – Configurações de mãos em 1995

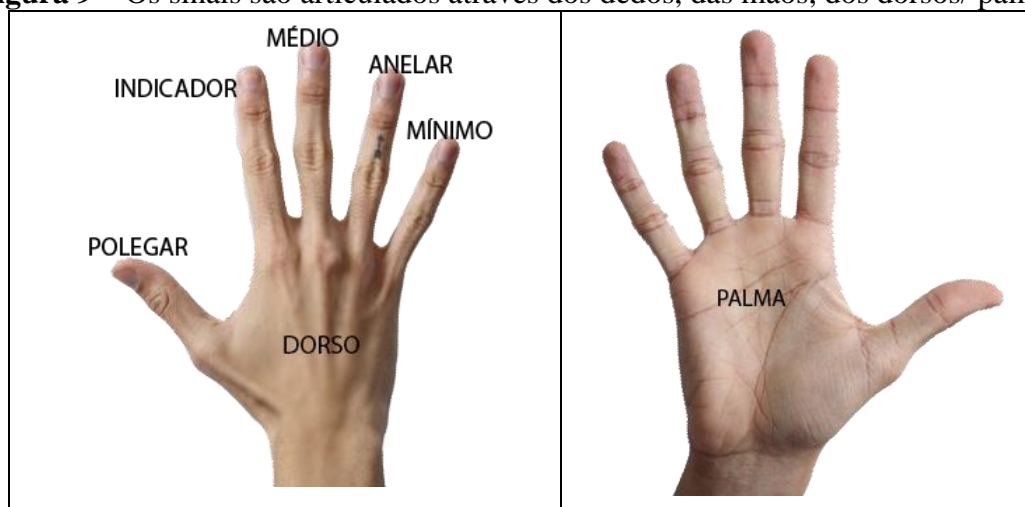
Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995 (*apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 53).

Porém Madson Barreto e Raquel Barreto, autores do livro *Escrita de Sinais – sem mistério*, já apontam 111 configurações de mão da Libras, em 2012.

Figura 8 – Configurações de mão, em 2012

Fonte: Barreto e Barreto, 2012.

Figura 9 – Os sinais são articulados através dos dedos, das mãos, dos dorsos/ palmas



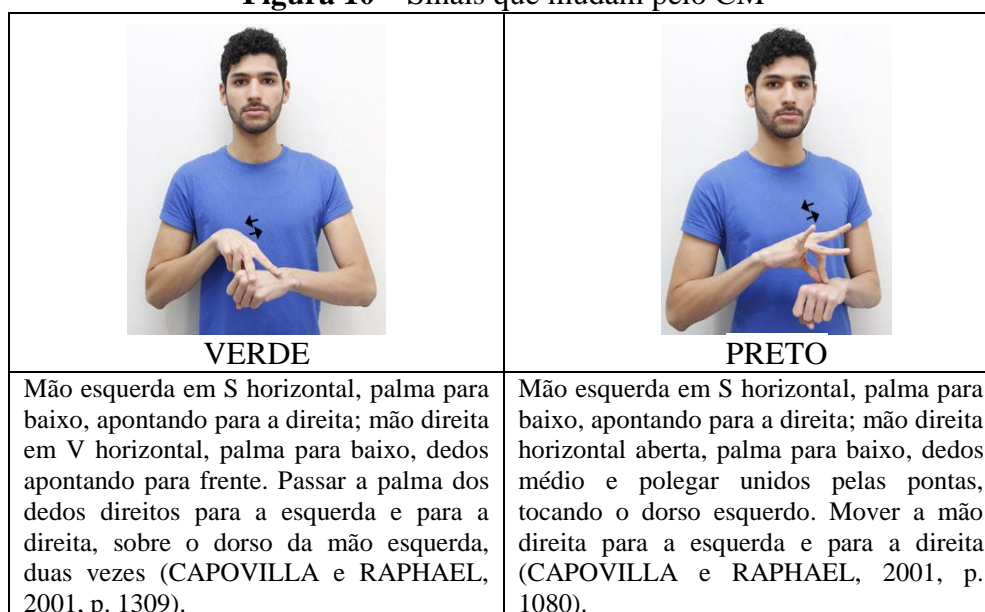
Fonte: Elaboração do autor.

Ao observarmos as unidades mínimas do sinal, é importante pontuar que,

os elementos que compõem os parâmetros [...] possuem valor distintivo. Cada parâmetro apresenta um conjunto de unidades que, numa relação opositiva, excluem uns aos outros para formar fonemas que, por sua vez, se articulam simultaneamente para formar morfemas e sinais (SANTOS, SANTOS, SANTOS, 2013, p. 64).

Assim, para compreender melhor a CM, conforme o exemplo que segue, podemos perceber a distinção dos sinais apenas pela unidade configuração de mão. Para constar, o pesquisador fez fotografias próprias das descrições (sinais) do *Dicionário Ilustrativo de Libras*, de Flávia Brandão (2011).

Figura 10 – Sinais que mudam pelo CM

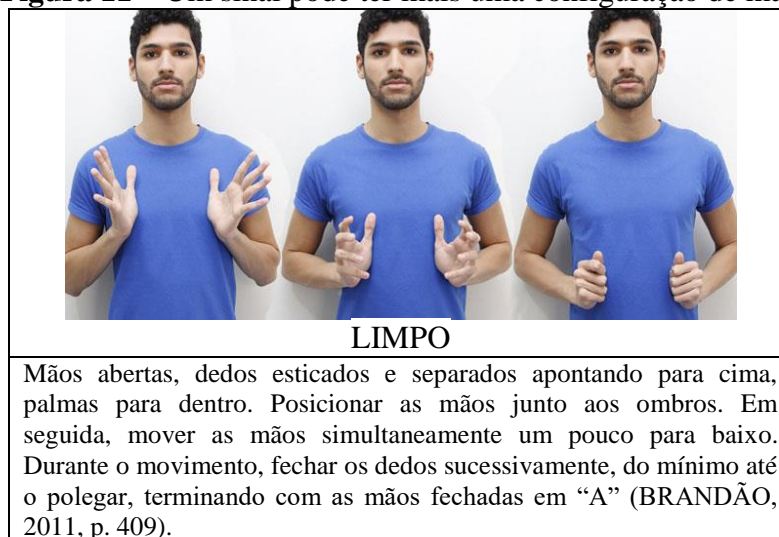


Fonte: Elaboração do autor.

Assim, podemos observar que ao sinalizar os sinais VERDE e PRETO apenas a configuração da mão se modificou, permanecendo igual os demais parâmetros. De maneira análoga ocorre nas outras línguas a exemplo do português. Na constituição da palavra /p/a/t/o/ e /b/a/t/o/ houve a mudança de apenas um fonema. Desse modo, nas línguas e sinais pode ocorrer a mudanças de apenas um parâmetro.

Também é importante destacar que um sinal pode ter mais de uma configuração de mão, mesmo que este sinal seja articulado apenas com uma mão, a exemplo do sinal de LIMPO.

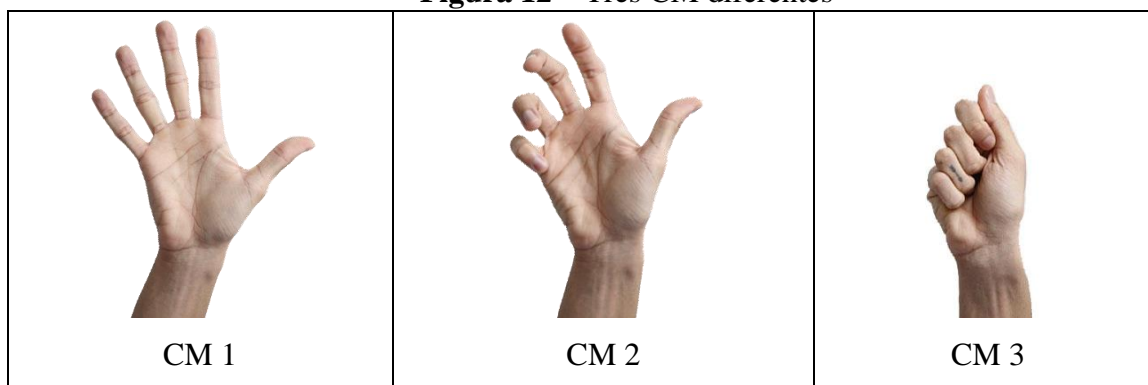
Figura 11 – Um sinal pode ter mais uma configuração de mão



Fonte: Capovilla e Raphael, 2001, p. 819.

Ao sinalizar o sinal LIMPO é perceptível três configurações de mão, conforme *Figura 12*. Portanto, ao sinalizar um sinal estas configurações de mãos devem ser consideradas e descritas.

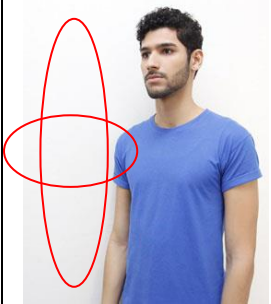
Figura 12 – Três CM diferentes



Fonte: Elaboração do autor.

b) Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L): Se caracteriza pelo lugar onde o sinal pode ser feito, ou sinalizado. Isso ocorre em parte do corpo (de cintura a cabeça) ou no espaço neutro em frente ao corpo. Os autores Ferreira-Brito e Remi Langevin agregam que “as locações dividem-se em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro” (1995 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 58). Contudo, um sinal não pode ser articulado fora do espaço, ele precisa de um campo específico.

Quadro 1 – Essas regiões fazem parte dos sinais articulados

LOCALIZAÇÃO			
CABEÇA	MÃO	TRONCO	ESPAÇO NEUTRO
<ul style="list-style-type: none"> • Topo da cabeça • Testa • Rosto • Parte superior do rosto • Parte inferior do rosto • Orelha • Olhos • Nariz • Boca • Bochechas • Queixo 	<ul style="list-style-type: none"> • Palma • Costas das mãos • Lado do indicador • Lado do dedo mínimo • Dedos • Ponta dos dedos • Dedo mínimo • Anular • Dedo médio • Indicador • Polegar 	<ul style="list-style-type: none"> • Pescoço • Ombros • Busto • Estômago • Cintura • Braços • Braço • Antebraço • Cotovelo • Pulso 	

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 58.

Perceberemos que a maioria dos sinais pertence algum local do corpo como sinal de gostar/ amar (no peito esquerdo - coração), aprender (na testa - cognitiva), emoção (no antebraço - arrepio). Ferreira (2010) explica que,

Os sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizados a partir de características icônicas. O que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça (p. 38).

Além desta relação, para se compreender o papel importante da Locação da mão ou Ponto de Articulação podemos perceber que ele se torna distintivo na realização do sinal, ou seja, se mudar um movimento mudamos o sinal também, conforme *Figura 13*:

Figura 13 – Sinais que mudam pela locação

Fonte: Elaboração do autor.

Os dois sinais apresentados se diferenciam por apenas um detalhe, o L, pois o sinal de SÁBADO/LARANJA fica em frente à boca e o sinal de APRENDER na testa. É importante também salientar que um mesmo sinal pode apresentar mais de um L, a exemplo do sinal ACREDITAR, que inicia na testa e termina no espaço neutro frente ao estômago.

Figura 14 – Um sinal articulado pode ter mais uma locação

Fonte: Elaboração do autor.

c) Movimento de mão (M): É o descolamento que as mãos fazem para realizar o sinal. O parâmetro mais complexo de ser descrito, pois tem vários tipos e formas de movimentos como direção vertical ou horizontal, frente ou trás, esquerda ou direita, também fazem parte de linha reta ou curva. Quadros e Karnopp (2004) relatam que existem outros movimentos além das direções no espaço, tais como os movimentos internos da mão e do pulso. Além disso, tem sinais que não apresentam movimento e outros possuem, por exemplo:

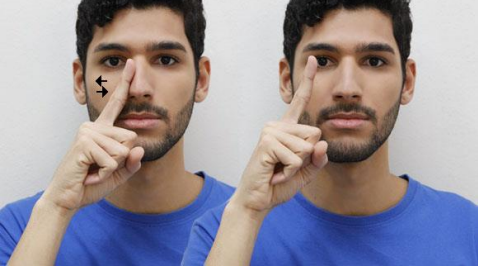
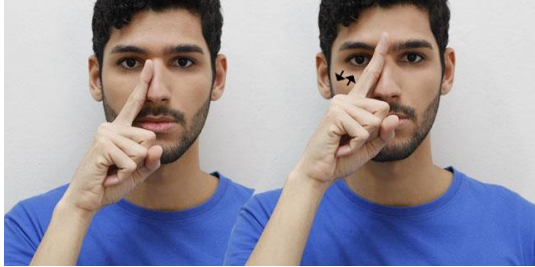
Figura 15 – Sinais com e sem movimentos

	
<p style="text-align: center;">ANDAR-PÉ</p> <p>Mão direita em “V”, dedos apontando para o chão. Mover a mão para o lado esquerdo e, ao mesmo tempo, balançar os dedos, simulando o movimento das pernas de uma pessoa andando (BRANDÃO, 2011, p. 57).</p>	<p style="text-align: center;">EM-PÉ</p> <p>Mão esquerda aberta, dedos unidos e esticados apontando para a frente, palma para cima. Mão direita em “V” com os dedos apontando para baixo. Tocar as pontas dos dedos da mão direita na palma esquerda (BRANDÃO, 2011, p. 264).</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Assim, podemos perceber na *Figura 15* que o sinal ANDAR-PÉ tem movimento e o sinal EM-PÉ não tem movimento. Tem sinais que são modificados apenas pelo movimento, por exemplo:

Figura 16 – Sinais que mudam pelo movimento

	
<p style="text-align: center;">BISCOITO</p> <p>Mão direita em D, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador no nariz (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 296).</p>	<p style="text-align: center;">PERIGO</p> <p>Mão fechada com o dedo indicador esticado apontando para cima, palma para dentro. Encostar o indicador na lateral do nariz. Em seguida, com gestos curtos, mover a mão, deslizando-a para cima, passando entre os olhos e voltando à posição inicial, duas vezes (BRANDÃO, 2011, p. 521).</p>

Fonte: Elaboração do autor.

d) Orientação de mão (O): É a orientação da palma da mão durante a realização do sinal. Indica que as palmas das mãos podem ser baixo ou cima, frente ou atrás, direita ou esquerda, de acordo com as Quadros e Karnopp, “para o lado (contralateral), para o lado (ipsilateral)” (2004, p. 60). Todos os sinais têm esse parâmetro, exceto sinais realizados apenas com a expressão não-manual (ENM). Podemos observar esse parâmetro nos sinais de AMIGO e

INIMIGO, conforme *Figura 17*, que possuem o mesmo local, a mesma configuração de mão, mas orientações de mãos são diferentes.

Figura 17 – Sinais que distinguem pela orientação de mão

	
<p style="text-align: center;">AMIGO</p> <p>Mão direita aberta, dedos unidos, palma para cima. Tocar a lateral externa da mão duas ou três vezes no peito, próximo ao coração (BRANDÃO, 2011, p. 55).</p>	<p style="text-align: center;">INIMIGO</p> <p>Mão direita horizontal aberta, palma para baixo, próxima ao peito. Tocar levemente o peito, duas vezes.</p>

Fonte: Elaboração do autor.

c) Expressão não-manual (ENM) ou Expressão Facial e/ou Corporal (EFC): São as expressões do corpo e rosto que acompanham ou não o sinal, visto que há sinais que são feitos sem a ENM e outros são realizados apenas com a expressão não-manual. Sobre as expressões faciais a autora Gesser (2009) discorre que

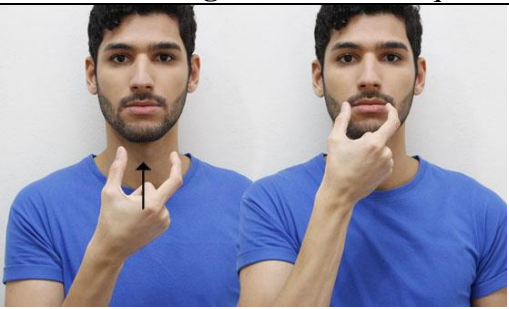
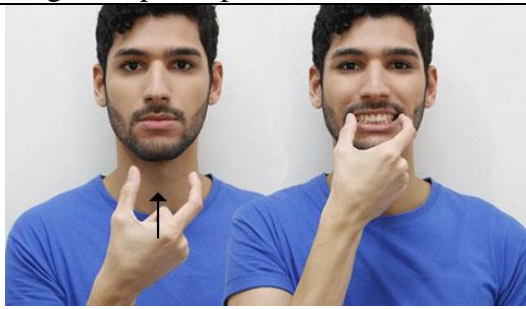
Diferentes dos traços paralinguísticos das línguas orais (entonação, velocidade, ritmo, sotaque, expressões faciais, hesitações, entre outros), nas línguas de sinais, as expressões faciais (movimento de cabeça, olhos, boca, sobrancelha etc.) são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua [...] (p. 17-18).

Além disso, é importante destacar que a expressão não manual tem um valor gramatical na sintaxe da Libras, ou seja elas, determinam os tipos de sentenças. Segundo Diniz (2011),

Além de alguns sinais expressos somente no rosto, há as expressões faciais, as posturas corporais e outros gestos não manuais que fazem parte dos pontos articulatórios secundários pelos quais se expressam as informações gramaticais como os tipos de sentenças: afirmativas, interrogativas, negativas, relativas, condicionais. Não são somente as informações gramaticais, também são incluídas as adverbiais e as discursivas. São chamados, de modo geral, *sinais não manuais* (p. 37).

Assim, diferente das línguas orais, as línguas de sinais utilizam a expressão de forma acentuada, ou seja, possuem funções morfológicas e sintáticas, contudo nos interessa entender no recorte desta pesquisa que a ENM é um parâmetro tão importante quanto os demais. Também é importante destacar que existem sinais que se distinguem apenas pela ENM, a saber, o sinal de BOLACHA e DENTADURA, conforme *Figura 18*.

Figura 18 – Sinais que se distinguem apenas pela ENM

	
BOLACHA	DENTADURA
<p>Mão fechada com os dedos indicador e polegar abertos e curvados, como se estivessem segurando um biscoito. Levar a mão até a boca (BRANDÃO, 2011, p. 115).</p>	<p>Mão fechada com os dedos indicador e polegar abertos e curvados. Levar a mão até a boca. Abrir e fechar a boca no fim do movimento, como se estivesse colocando a dentadura (BRANDÃO, 2011, p. 228).</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Existem sinais que são sinalizados apenas com este parâmetro como os sinais de *RELAÇÃO SEXUAL* e *ROUBAR*, conforme *Figura 19*. Deste modo, embora alguns pesquisadores tenham desconsiderado este parâmetro, podemos perceber nos estudos mais recentes o significado dele na produção das sinalizações.

Figura 19 – Sinais que mudam pela ENM

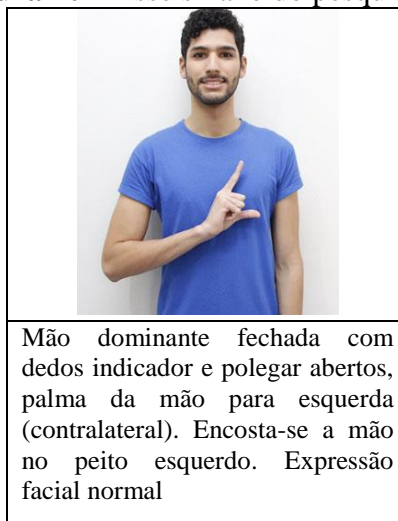
	
SEXO	ROUBAR
<p>Distender a bochecha direita com a ponta da língua, várias vezes (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 1194).</p>	<p>Passar a ponta da língua para frente, no canto interno direito da boca semi-aberta, distendendo a bochecha, várias vezes (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 1154).</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Assim, podemos observar que o sinal é constituído por cinco parâmetros: a configuração de mão (CM), a locação (L), o movimento da mão (M), a orientação da mão (O) e a expressão não-manual (ENM), conforme podemos verificar no exemplo na *Figura 20*. Na imagem representada temos o sinal do pesquisador, ou seja, seu nome de batismo na língua de sinais.

Quando uma pessoa tem contato com a comunidade surda ela é identificada por um sinal relacionado ao seu modo de ser ou características físicas e, às vezes, este sinal é representado com a letra inicial de seu nome na Língua Portuguesa, como é o exemplo que segue: L-E-A-N-D-R-O. A configuração da mão utilizada representa a primeira letra de seu nome no Alfabeto Manual⁹, portanto, houve a influência da Língua Portuguesa na constituição de seu isso. Esse é um processo natural na constituição das línguas e ocorre com outros sinais também.

Figura 20 – Esse sinal é do pesquisador



Mão dominante fechada com dedos indicador e polegar abertos, palma da mão para esquerda (contralateral). Encosta-se a mão no peito esquerdo. Expressão facial normal

Fonte: Elaboração do autor.

Conforme podemos observar, o sinal do pesquisador possui 4 parâmetros, exceto movimento. Ratificamos que cada sinal possui uma ou mais configurações de mão e podem ser articuladas com duas mãos em simetria, com uma mão de apoio ou com apenas uma mão. Segundo Quadros e Karnopp (2004),

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma

⁹ É um sistema utilizado para se referir as letras do alfabeto da língua oral, o português por exemplo. Apenas se usa datilologia quando não sabe sinal e/ou também em nome de pessoas, de cidades, de estados, etc.

ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente a direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos (p. 51).

Assim, os estudos visêmicos da Libras devem considerar todos estes aspectos visto que eles possuem funções distintivas na expressão e leitura dos sinais. O sinal é o que permite a expressão do surdo e sua compreensão de mundo.

2.2 Sinais caseiros: do que estamos falando?

É sabido que muitos surdos nascem em família de ouvintes e, devido ausência de informação em Língua de Sinais eles criam sinais para se comunicar com seus familiares.

Nas famílias, é comum que a comunicação se dê por meio de gestos e mímica convencionados exclusivamente entre os surdos, seus familiares e amigos íntimos. Este conjunto de gestos ou sinais, distintos da variedade mais padronizada utilizada pela comunidades de surdos adultos, são chamados de *sinais caseiros* (FRISHBERG, 1975 *apud* DINIZ, 2011, p. 61).

Portanto, consideramos sinais caseiros as criações dos surdos constituídas das mesmas propriedades de um léxico na língua de sinais que auxilia o processo inicial de aquisição dos surdos e, principalmente, a comunicação deste.

Contudo, para muitos autores estes sinais foram considerados "pobres" linguisticamente. Dalcin (2006) compara "O período em que os surdos viviam com os seus familiares ouvintes, distantes de usuários da Libras, como uma fase de 'inércia social e subjetiva' e a Língua de Sinais Caseiras como um sistema dependente da língua oral" (*apud* DAMASCENO, 2017, p. 90).

Do mesmo modo, Morford (1996) considera que os SC possuem "generalizações simples: gestos dêiticos, icônicos e referenciados pelo ambiente, os quais podem tornar-se linguisticamente mais estruturados" (*apud* TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2014, p. 4). Apesar desse conceito, acredita que estes sinais demonstram a capacidade linguística inata da criança na ausência da linguagem (SANTANA, 2007).

Pensamentos como este tem ocasionado preconceitos linguísticos¹⁰, visto que, devido os sinais caseiros serem considerados mímicas, seus usuários e a Libras tendem a serem considerados como incapazes e inferiores (DINIZ, 2011).

Apesar deste pensamento, há autores que divergem e consideram as produções dos surdos como um processo "construído socialmente, porque uma vez produzidos alguns gestos, estes são interpretados dentro do contexto no qual se vive, ganhando significado e reconhecimento" (CUXAC, 2000; GOLDIN-MEADOW e MYLANDER, 2009; FUZELLIER-SOUZA, 2004; YAU, 1988 *apud* TEIXEIRA e CERQUEIRA, 2014).

Os sinais caseiros dos surdos são significados pela família, eles não se modificam, mas ganham representação, a exemplo do sinal de criado por ANA para carne (conferir no capítulo 4), sempre que se refere à carne ela usa o mesmo sinal. Isso mostra como estes sinais se tornam signos.

FERREIRA *et al.* (2011, p.13) apresenta através de conceitos uma breve distinção entre sinal e gesto,

Gesto: movimento espontâneo, voluntário ou involuntário, do corpo, especialmente das mãos, braços e cabeça que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo. O gesto é igualmente uma forma de dar ênfase ao discurso na interação comunicativa dos interlocutores.

[...]

Sinal: é o signo linguístico na língua de sinais, o qual contém uma unidade de informação convencionada por meio gestual pela comunidade surda e que serve para comunicar algo a alguém. Assim, o sinal se difere do gesto espontâneo pelo seu caráter de código compartilhado e estruturado em uma língua (p. 13).

Assim, podemos definir que os sinais caseiros não são gestos. Embora os surdos, na comunicação com o outro utilize de gestos, não podemos limitar sua comunicação apenas em gestos descaracterizando suas sinalizações.

O termo sinal caseiro é muito utilizado para se referir aos sinais não convencionais utilizados nos lares. Sobre o termo caseiro, BUENO (2007, p. 152) define como “relativo a casa; usado em casa [...]”, portanto, sinais caseiros são sinais utilizados dentro de casa. Autores como Goldin-Meadow (1979), Mayberry (1992), Morford (1996) tem denominado de *sinais domésticos*.

¹⁰ "É um tipo de atitude dos falantes em relação a língua que pode envolver as reações do falante diante de sua própria fala ou diante da fala dos outros" (CALVET, 2002 *apud* DINIZ, 2011, p. 60).

Outros termos são utilizados para se referir a sinais caseiros, com diferentes abordagens, a saber, o abade L'Épée conhecido como “pai dos surdos”, fundador da educação para surdos. Ele não supunha que os surdos não havia uma língua, desde então chamou os SC de *sinais metódicos* na versão de língua de sinais francesa – LSF, considerada uma linguagem em sentido amplo/lato (TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2016).

Além de sinais metódicos, Tervoort (1981, apud SANTANA, 2007) acredita que os gestos criados pelos filhos surdos de pais ouvintes são uma linguagem esotérica, ou seja, que crianças surdas veem um objeto que chama atenção e criam um gesto, isto é, sua subjetividade em ação e a denomina de *simbolismo esotérico*. Já Yau (1988) em seus estudos sobre surdos índios canadenses e chineses denomina os SC de *língua gestual espontânea*. (TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2014, p. 5) e Fuzellier-Souza (2004 apud TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2014) considera os SC uma *língua de sinais emergente (LS ÉMG)*. Ambos consideram os SC fruto da faculdade da linguagem na interação com o ambiente e as pessoas.

Todos estes autores trazem uma discussão positiva sobre a constituição dos SC. Uma contribuição importante é a dissertação da Adriano (2010) que realizou uma análise de SC utilizados por três sujeitos surdos do estado de Ceará. Desde então, a autora acredita que “os sinais caseiros fazem parte da linguagem, podendo se constituir em uma língua, por apresentar um sistema de representações abstratas comunicativas” (ADRIANO, 2010, p. 33).

Outra contribuição é a pesquisa de Albares & Benassi (2015) relatam o contexto onde “a *Comunicação Gestual Caseira* ou *Linguagem Caseira* é conhecida por muitos estudiosos como gestos limitados e realizados por surdos que não têm e/ou nunca tiveram contato com a língua de sinais” (p. 243).

Mas em sua pesquisa eles fizeram uma investigação de uma surda (de pais ouvintes) que nunca teve contato com a Libras e identificaram que ela utiliza *gestos caseiros* ou linguagem caseira, acreditam que a comunicação entre familiares e surdos não se dá para se compreenderem. Eles examinaram as diferenças e semelhantes nos gestos caseiros e nos sinais da Libras, como configurações de mão, movimentos e expressões não-manuais e, apesar de diferentes parâmetros, confirmam que os sinais são meramente semelhantes, ou seja, gestos caseiros podem ser considerados uma língua quanto a Libras.

Com conclusão, agregam que não se deve desprezar sinais caseiros visto que eles proporcionam o desenvolvimento linguístico do surdo e o reconhecimento da Libras com língua natural, comprovando em sua pesquisa a relação e semelhança entre o sinais caseiros e sinais da Libras.

Conforme pode verificar a pesquisa de Albares & Benassi (2015) apresenta a mesma abordagem que propomos neste trabalho, e, apesar de reconhecer o caráter linguístico dos SC, percebemos na leitura do texto que os autores, ao discutir o tema sinais caseiros outrora tratam como linguagem, outrora gestos fazendo uma confusão dos termos, não determinando a concepção de ambos.

Não conseguimos chegar a uma conclusão sobre qual melhor termo utilizar para se referir a esta produção linguística. Acreditamos que outros estudos poderão auxiliar nas escolhas, a partir de mais aparato teórico. Contudo, neste breve estudo foi possível observar que muitos autores concordam que os SC possuem estrutura linguística, a exemplo de

Cuxac (2000), que trata da importância da representação icônica nos gestos primários, aqui chamados de sinais caseiros, como sendo o fundamento da língua de sinais; Quadros & Karnopp (2004), que investigaram os aspectos linguísticos da língua de sinais; bem como Fuzellier (2004), fundamental nesta pesquisa por reconhecer a língua de sinais caseiros (LSC) como sistema linguístico; e Goldin-Meadow (2003), precursora nos estudos da produção de sinais caseiros por crianças surdas sem contato com utentes da língua de sinais (ADRIANO, 2010, p. 16).

A dissertação de Adriano apresentou muita contribuição para nosso estudo e várias indagações que precisam ser pesquisadas através de mais estudos.

Esses sinais podem ser icônicos ou não, isto vai depender do ambiente em que a família está inserida, isto é, da representação viso-manual de suas experiências. Por exemplo, se forem pescadores, os sinais caseiros que emergem podem ser relacionados aos frutos do mar, areia, barraca e outros; numa família da zona rural, eles podem ser relacionados a boi, vaca, leite e assim por diante. Isto também acontece com familiares de surdos que moram na zona urbana, cujo filho e/ou os pais não tiveram contato com a comunidade surda utente da língua de sinais oficial. Esses sinais não são repassados de geração a geração, eles surgem motivados pela necessidade comunicativa existente entre os membros da família, são compartilhados por um número restrito de pessoas (mais especificamente, membros de uma mesma família) e não são convencionados na comunidade surda de um modo geral (ADRIANO, 2010, p. 34).

Em sua fala, a autora discorre que nem todos os SC são icônicos¹¹, mas que surgem de contextos linguísticos, ambientais e, das representações. Contudo, ela afirma que não são repassados de geração a geração, neste ponto pensamos que estes sinais podem ser estudados

¹¹ É a “motivação entre o código linguístico (expressão) e o seu significado (conteúdo) que revela o funcionamento da cognição e do universo social” (COSTA, 2014, p. 87).

visto que, se este surdo tiver filhos surdos ou ouvintes, estes sinais podem permanecer ou não, ou seja, podem ocorrer mudanças, substituições por sinais convencionais da Libras, ou não.

3. O CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo abordaremos a metodologia desenvolvida para elaboração da pesquisa. Para tanto, discorreremos a abordagem que fundamentou nossos estudos, e em seguida, descreveremos o perfil dos sujeitos, o percurso da coleta de dados e as escolhas de análises.

Salientamos que os sinais do Dicionário Ilustrativo de Libras, de Brandão (2011), do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, de Capovilla e Raphael (2001) e dos surdos colaboradores e seus respectivos familiares foram fotografados pelo pesquisador desta pesquisa.

3.1 Sobre a abordagem e a escolha do campo semântico

Com base no estudo de Gil (2002, p. 17), entende-se por pesquisa “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos [...] mediante a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”. Portanto, esta pesquisa surge a partir de um problema que, através de questionário e gravações de sinalizações de lexias de surdos, pode-se analisar os dados que corroboraram a evidenciar a questão levantada.

Para tanto, optou pela abordagem qualitativa que, de acordo com Del-Masso (2014) é caracterizada com a pesquisa que

não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos. É utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade. Entre esses problemas, poderemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias (RODRIGUES; LIMENA, 2006 *apud* DEL-MASSO, 2014, p. 13).

Portanto, a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos específicos em profundidade, através de procedimentos preestabelecidos. Dessa forma o pesquisador vai à busca de respostas para o seu problema. Quanto ao objetivo, esta pesquisa se caracteriza como descritiva por descrever e analisar um dado fenômeno. “As pesquisas descritivas tem

como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

O fenômeno investigado foi no nível lexical, ou seja, analisamos apenas sinais não convencionais utilizados por surdos para se comunicar no contexto familiar em relação ao campo semântico de alimentos.

A categoria de alimento foi escolhida como tema de léxico por compreender que na fase inicial as crianças surdas começam a apontar (dêiticos) comidas sobre mesa ou no armário na medida que sentem fome, ou seja, diariamente as crianças sentem o desejo de expressar o qual alimento querem comer, e para satisfazer suas necessidades básicas acreditamos que elas tenham criado sinais caseiros para as especificidades de alimentos.

Desse modo o *corpus* foi constituído de 34 lexias sobre alimentos mais utilizados em nossa região, habitual na cozinha baiana. Estes alimentos foram escolhidos aleatoriamente, a saber, a) BANANA; b) BOLACHA; c) BOLO; d) CARNE; e) CEBOLA; f) COCO; g) FRANGO; h) MANTEIGA; i) PÃO; j) PIMENTA, de 6 sujeitos surdos e seus familiares em Amargosa- Ba. Estes sinais serão analisados com os sinais do dicionário de Brandão (2011).

Este dicionário foi escolhido porque é um dicionário novo, apresenta uma explicação clara dos parâmetros e de fácil acesso do pesquisador. Também utilizamos dois sinais do dicionário de Capovilla e Raphael (2001) devido ter uma semelhança com os sinais utilizados pela comunidade surda de Amargosa.

3.2 Instrumentos e técnicas de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: a) dois questionários, sendo um para sujeitos surdos (APÊNDICE A) e outro para seus familiares ouvintes (APÊNDICE B) e b) câmera digital, que possibilitou a captura de cada sinal caseiro utilizado pelos sinalizantes e seus familiares, com autorização prévia.

No processo de coleta de dados o pesquisador realizou com uma visita à casa dos entrevistados com sua orientadora e a presença de intérprete de Libras. Estas visitas foram agendadas anteriormente através da rede social *WhatsApp* cujo acesso foi adquirido quando lecionava no AEE, exceto com os surdos identificados por PAULO, CARLOS e JOÃO. O primeiro foi agendado pessoalmente através de um encontro no seu local de trabalho, o segundo foi mediado por uma professora da UFRB e o terceiro foi mediado pela mãe do surdo CARLOS.

Combinamos sempre as datas dos encontros a partir da disponibilidade dos informantes e, exceto PAULO, todos os encontros ocorreram nas casas dos entrevistados. No caso de PAULO o questionário e gravação ocorreu em seu horário de almoço em um restaurante perto de seu trabalho.

As gravações ocorreram no período de 08 de julho a 03 de agosto deste ano. Em cada visita, começamos a dialogar informalmente com os entrevistados para saber um pouco de vida individual, logo, explicamos o objetivo da pesquisa e apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C). Em seguida o pesquisador, com o auxílio da intérprete, aplicava o questionário no intuito de traçar o perfil dos sinalizantes, que tiveram seus nomes ocultados, portanto, serão utilizados nomes fictícios para proteger a privacidade de cada um.

Posteriormente, mostrava as 10 imagens de alimentação através do SmartPhone aos entrevistados ouvintes e surdos questionando como eles se comunicavam para solicitar tais alimentos. Na medida em que eles iam sinalizando gravávamos os sinais que foram visualizados, parte por parte, sinal por sinal, observando atentamente os parâmetros ou motivação usada por cada sinalizante. Depois o pesquisador fez uma fotografia de cada sinal para assim concluir seu estudo. Estas imagens fotográficas estarão na análise.

3.3 Os sinalizantes da pesquisa

Nesta pesquisa foram escolhidos seis entrevistados a partir do seguinte critério: surdos em Amargosa que nunca tiveram contato com a Libras e que residem na zona urbana. Desse modo, fomos procurar na cidade de Amargosa surdos não usuários da Libras e, no desenvolvimento da pesquisa, só encontramos 3. Não satisfeitos com o quantitativo acrescentamos em nossa pesquisa surdos que tiveram acesso tardio a LS e, portanto, ainda possuem conhecimento básico da Libras. A partir desse critério foi possível coletar dados de mais três surdos, totalizando a pesquisa com 6 surdos e seus respectivos familiares. Estes sinalizantes apresentam o seguinte perfil:

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Nome	Idade	Acesso a Libras?	Familiar informante
Ana	12	Sim	Mãe e irmã
Carlos	7	Nunca	Mãe e avó
João	69	Nunca	Filha
Aline	29	Sim	Mãe
Paulo	35	Nunca	Não houve
Davi	41	Sim	Mãe

Fonte: Elaboração do autor.

3.3.1 Perfil dos entrevistados

O pesquisador realizou questionários e dialogou informalmente com seis surdos e seus respectivos familiares para conhecer um pouco de vida de cada. Alguns não têm contato com a Libras, ou pouco contato, independentes de escolarização, idade e raça, em Amargosa – Bahia. Os encontros e entrevistas ocorreram com a presença de intérprete de Libras e de orientadora. É importante notificar o papel da família na filmagem dos sinais, pois, todos os sinais realizados pelos surdos eram confirmados por seus familiares, testificando a veracidade da utilização dos sinais pela família. Contudo, ao longo do trabalho representamos os sinais do surdo que, é concomitante ao sinal realizado por seus familiares.

Perfil de Ana

Ana, filha surda de mãe ouvinte chamada Maria. Ana nasceu surda por questão genética, tem 12 anos de idade, sabe fazer leitura labial e oraliza usando palavras no máximo de 4 letras. Teve seu primeiro contato com a Libras aos 6 anos e estuda na escola inclusiva com apoio de intérprete de Libras na sala de aula e, tem vício de brincar no celular, mas nunca conversa com pessoas virtualmente através do vídeo de chamada. Tem contato frequentemente com seu irmão caçula que é surdo, apesar de que ela utiliza Libras por ser fluente, a mãe Maria não sabia de Libras, contudo, já utilizaram sinais caseiros antes da Libras e a comunicação entre elas era difícil e exausto. Maria fez curso de Libras mais tarde, mas não tem habilidade quanto a sua filha.

Por ter fluência na língua de sinais esta informante seria excluída da pesquisa, contudo, após entrevista foi possível identificar sinais que utilizava antes da aquisição da Libras. Desse modo, optamos por permanecer com os dados coletados por esta informante mesmo ela não atendendo os critérios pré-estabelecidos.

Perfil de Carlos

Carlos é filho de mãe ouvinte. Antes da descoberta da surdez os pais e servidores (professores, coordenadores, diretores) da escola municipal em que ele estudava desconfiaram que Carlos talvez fosse autista por não conseguir falar direito. Portanto, foi levado ao fonoaudiólogo para praticar a fala e assim viver no mundo (padrão). Depois, levaram a outro especialista que sugeriu que ele fizesse exame de audiometria e o resultado do exame diz que o grau da surdez dele é 20dB a 40dB, ou seja, ele tem surdez leve bilateral. João estuda na mesma escola que Ana, mas é de outra turma. Ele não tem intérprete de Libras na sala de aula e nem teve acesso à língua de sinais. Ele usa AASI¹², fala e aponta com o dedo indicador (dêiticos). Sua mãe não tem conhecimento sobre Libras nem da cultura surda. A relação da comunicação entre eles é razoável, conseguem se comunicar através da fala, mas nem sempre é compreendido, utilizando sempre o recuso de apontar.

Perfil de João

João é pai e avô, tem 69 anos de idade, perdeu a audição por questão de saúde irregular. Nunca estudou na escola, não tem contato com a língua portuguesa nem com a Libras, mas sabe basicamente ler os lábios, oraliza e utiliza muitos sinais caseiros. Ele morava na zona rural quase a vida inteira, se mudou para morar com sua filha Francisca há três anos, na cidade de Amargosa. Quanto a Francisca nasceu seu pai já era surdo, por isso começou a interagir com seu pai por sinais caseiros. Ela consegue compreender sem dificuldade o que João sinaliza.

Perfil de Aline

Aline é uma surda de 29 anos de idade, concluiu o ensino médio sem a presença de intérprete de Libras na sala de aula. Comunicou com seus colegas e professores por Comunicação Total (CT) e tem pouco contato com a Libras. Ela nasceu ouvinte, mas perdeu audição aos 2 anos de idade por questão de saúde. Começou a ficar apontando (dêitico) e quando completou 10 anos, começou a aprender a oralizar ensinada por sua mãe. A mãe

¹² Aparelhos de Amplificação Sonora Individual (AASI), é um aparelho auditivo eletrônico que faz transmissão da fala e do ambiente ao aparelho da pessoa com deficiência auditiva.

participou do curso de Libras no ano de 2008/2009, mas não utiliza Libras com sua filha em casa. Ambas se comunicavam através de poucos gestos e oralização, moram na zona rural próxima de Amargosa, apesar de residir na zona rural incluímos esta informante devido ao acesso dela na cidade, visto que ela constantemente está na cidade por residir perto.








Perfil de Paulo

Paulo é um surdo de 35 anos, estuda no ensino fundamental, trabalha como pedreiro, utiliza muitos sinais caseiros e não tem acesso a Libras, mora na zona rural próxima de Amargosa. Não reconhece língua portuguesa, não faz leitura labial nem oralizar, fica praticamente em casa com sua família, a relação entre família e ele tem sido boa interação. Não utiliza tecnologias digitais, apenas assiste a TV.

4. UMA ANÁLISE DAS DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS SINAIS CASEIROS E SINAIS DA LIBRAS

Este capítulo objetiva apresentar uma análise dos sinais caseiros referentes a 10 lexias do conjunto de alimentos utilizados pelos surdos e seus familiares. São eles:

Quadro 3 – Ilustrações de alimentação

				
BANANA	BOLACHA	BOLO	CARNE	CEBOLA
				
COCO	FRANGO	MANTEIGA	PÃO	PIMENTA

Fonte: Elaboração do autor. Imagens disponíveis do Google, 2017.

A análise sucedeu através da descrição dos sinais caseiros utilizados pelos surdos e seus familiares a partir dos possíveis parâmetros utilizados nestes sinais, ou seja, analisamos o sinal caseiro utilizado para representar cada lexia e, posteriormente, fizemos uma análise de como estes sinais são formados e, se possuem alguma relação com o sinal convencional na Libras.

É importante notificar que nem todos os informantes apresentaram sinais para as imagens apresentados, principalmente o informante Carlos que, por ter apenas 7 anos e não ter contato com a Libras utiliza de dêiticos¹³ para se comunicar. Além disso, os surdos que iniciaram a aquisição da Libras já substituíram estes sinais caseiros por sinais da Libras e por isso não foram considerados. Para confirmação do uso destes sinais caseiros a família teve uma participação importante. Portanto, na análise que segue será apresentado apenas os sinais

¹³ É uma apontação que indica qualquer lugar ou que tenha objeto. De acordo com Volterra, Iverson e Castrato (2006, *apud* QUADROS, 2012, p.17) os bebês de partir de 9 a 13 meses de idade começam a se comunicar com gestos dêiticos, pois não conseguem adquirir língua dos adultos nessa fase inicial.

caseiros ainda utilizados com a família e, no caso de Ana, os sinais utilizados antes da aquisição de Libras.

Com o objetivo de facilitar a compreensão do *corpus* de análise nesta pesquisa apresentamos no *Quadro 4* os sinais que foram coletados por cada informante.

Quadro 4 – Corpus de análise

		Informantes					
		Ana	Carlos	João	Aline	Davi	Paulo
Lexias	Banana			X			X
	Bolacha		X	X	X		X
	Bolo			X	X		
	Carne	X		X	X		X
	Cebola	X			X	X	
	Coco	X		X		X	X
	Frango	X		X		X	X
	Manteiga	X	X	X	X		X
	Pão	X	X				X
	Pimenta	X		X	X		X

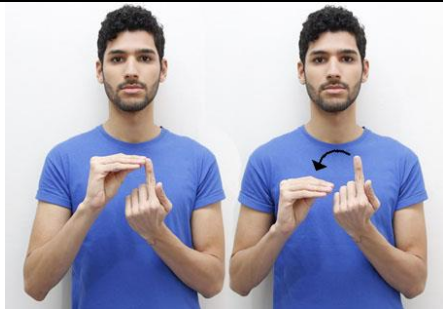
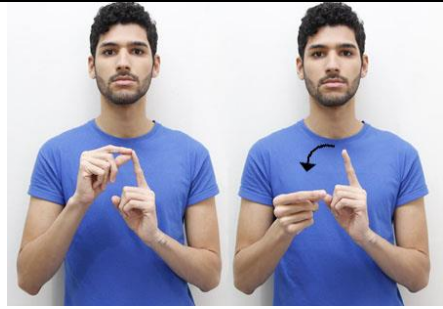
Fonte: Elaboração do autor.

Na análise consta inicialmente um sinal convencional do dicionário de Brandão (2011) ou Capovilla e Raphael (2001) e, posteriormente, o sinal realizado pelos sujeitos colaboradores da pesquisa. Todos os sinais, conforme informado, foram fotografados pelo pesquisador conforme imagens nos dicionários e na gravação na coleta dos sinais. Em seguida apresentamos a descrição dos sinais e a motivação e análise contrastiva desses sinais.

4.1 A lexia BANANA

Figura 21 – BANANA



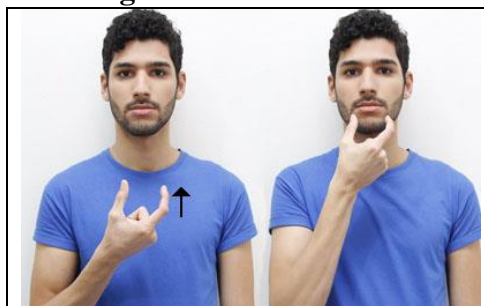
	<p>Mão passiva em “G”, palma para dentro. Mão dominante fechada com dedos unidos, tocando no indicador da mão passiva de cima para baixo;</p>
<p>JOÃO</p>	
	<p>Mão passiva em forma próxima da letra “D”, palma para dentro, parada. Mão dominante fechada com dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, tocando a ponta do dedo indicador da mão passiva de cima para baixo.</p>
<p>PAULO</p>	

Fonte: Elaboração do autor.

Os 2 sinais caseiros produzidos pelos informantes João e Paulo são comuns, por conta de representação do movimento ao tirar cascas da banana. Apresentam-se como uma variação visiológica ao sinal gramatical, pois só mudando as CM. O local, o movimento e orientação, são os mesmos. Gripp (2011) agrega que "a mudança fonológica [visiológica] nas Línguas de Sinais ocorre quando, em decorrência de algum processo fonológico, observam-se alterações em algum dos parâmetros constitutivos do sinal, como as configurações de mãos, a locação, o movimento e a orientação da palma" (p. 46).

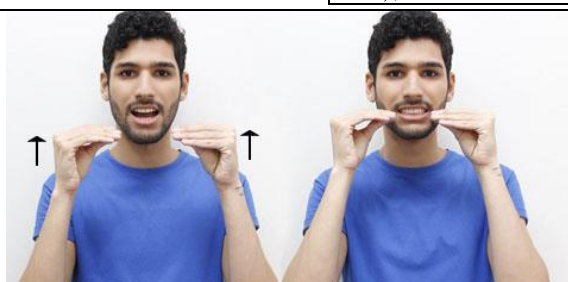
4.2 A lexia bolacha

Figura 22 – BOLACHA



BRANDÃO (2011)

Mão fechada com os dedos indicador e polegar abertos e curvados, como se estivessem segurando um biscoito. Levar a mão até a boca (BRANDÃO, 2011, p. 115);



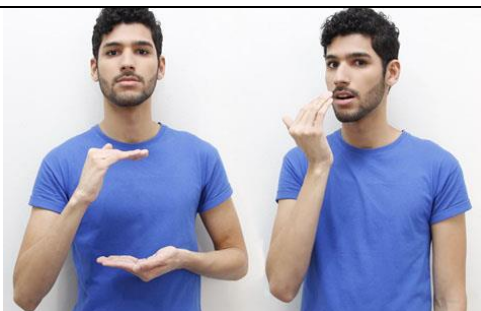
CARLOS

As duas mãos fechadas com dedos unidos uma de frete para outra, direcionam para boca simultaneamente. Expressão facial de que come alguma coisa.



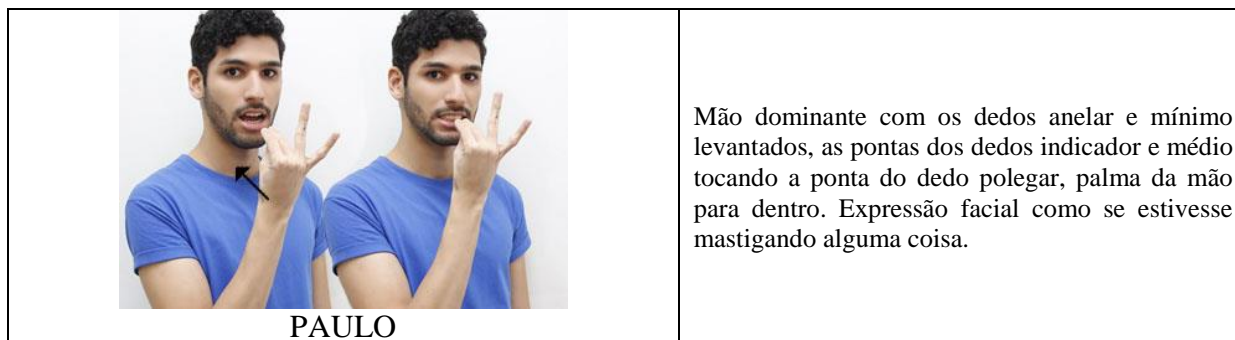
JOÃO

Mão passiva com dedos indicador e polegar levantados e curvados, conforme a foto esquerda, palma da mão para lado (contralateral);



ALINE

Mão dominante com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo dobrados, dedo polegar tocando a lateral do dedo indicador, palma da mão esquerda para baixo, em frente ao queixo. Mão passiva aberta dedos unidos palma para cima, em frente a barriga. Depois, “mão aberta e levemente dobrada, dedos unidos e esticados apontando para cima, palma para trás. Posicionar a mão próximo da boca. Em seguida, mover os dedos suas ou três vezes em direção à boca” (BRANDÃO, 2011, p. 189);



Fonte: Elaboração do autor.

Cada sinal caseiro produzido por eles é incomum. Carlos representa o jeito dele ao pegar e comer biscoito, com duas mãos. Quanto ao sinal de João, percebe-se a forma quadrada de bolacha. Aline, sempre tinha bolachas no POTE grande na mesa (na cozinha), por isso que ela utiliza esse sinal, acrescentado do sinal de COMER. O jeito de Paulo ao comer bolacha.

Contudo, percebe-se nos 3 SC representados por Carlos, Aline e Paulo que a articulação do sinal começa no espaço neutro e termina na boca como se comesse de maneira análogo ao sinal convencional que é realizado com o movimento em direção da boca. Em relação à configuração de mão, o único sinal caseiro que se semelha ao sinal gramatical é João, observa-se que a CM é o mesmo que o gramatical, porém distingue o movimento e orientação, pois o sinal de João não tem movimento e a palma da mão dominante está articulada para o lado esquerdo (contralateral), enquanto o sinal da Libras tem movimento e, a palma da mão dominante para dentro.

Percebe-se que a motivação da maioria dos sinais está relacionado a boca, conforme explica Ferreira (2010) ao afirma que

os sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizado a partir de características icônicas. O que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça (p. 38).

4.3 A lexia bolo

Figura 23 – BOLO



<p style="text-align: center;">JOÃO</p>	<p>Mão dominante somente dedo indicador levantado, palma da mão para baixo, movimento circular no dedo indicador, logo em seguida mão aberta dedos juntos tocando a palma da mão da mão passiva apresentando o sinal de pedaço, o sinal é executado em frente do abdômen.</p>
<p style="text-align: center;">ALINE</p>	<p>Dedos indicadores e polegares levantados e curvados, palma da mão para baixo, logo em seguida palma da mão uma em frente à outra, em forma de uma esfera, em frente ao abdômen.</p>

Fonte: Elaboração do autor.

O SC utilizado por João é parecido com o sinal gramatical, porém, primeiro o sinal mostra a forma de bolo em círculo com o dedo indicador, circulando o dedo indicador sobre a mão, depois, faz o sinal CORTAR os pedaços de bolo. Já Aline mostra a maneira de bolo conforme ela e a mãe faziam bolo em casa. Portanto, o sinal da Aline não é comum ao gramatical. Nota-se que João utiliza um primeiro sinal e, na sequência apresenta sinal igual ao sinal da Libras produzido por Brandão, ou seja, a mesma CM, local, movimento e orientação.

4.4 A lexia carne

Figura 24 – CARNE



<p>ANA</p>	<p>Mão dominante em “S”, palma da mão para o lado (contralateral), encostada no canto da boca logo em seguida afastando para frente. Expressão de como se estivesse puxando algo da boca para baixo.</p>
<p>JOÃO</p>	<p>Dedo indicador e polegar da mão dominante levantado curvado, em seguida fechar para frente. Expressão como se estivesse puxando algo da boca.</p>
<p>ALINE</p>	<p>Mãos aberta com dedos unidos, palma para cima, em frente à barriga. Logo em seguida, mão passiva com palma para baixo tocando a palma da mão passiva.</p>



Fonte: Elaboração do autor.

Percebe-se os SC para lexia CARNE produzida por Ana, João e Paulo são parecidos. A motivação é puxar carne da boca. O SC por Aline que é diferente dos outros. Seu sinal se refere ao ato de fritar carne. Nenhum dos sinais caseiros se assemelham ao gramatical para carne, mas para a lexia pão.

A motivação do sinal convencional de carne faz referência a parte do corpo que possui carne (humano). Já podemos perceber nos sinais representados pelos informantes que fazem referência ao significado de carne de animal.

4.5 A lexia cebola

Figura 25 – CEBOLA






<p>ANA</p>	<p>A mão dominante em “S”, palma para lado (ipsilateral), tocando a bochecha direita, movimento rotatório para baixo.</p>
<p>ALINE</p>	<p>Mão dominante em "L", dedo indicador tocando a bochecha do lado direito. Logo em seguida afastar o dedo indicador dobrando para frente.</p>
<p>DAVI</p>	<p>Mão dominante aberta com dedos unidos palma da mão para o lado esquerdo. Mão passiva fechada dedos unidos, palma da mão para o lado direito. A palma da mão dominante toca as pontas dos dedos da mão passiva, com movimento para baixo.</p>

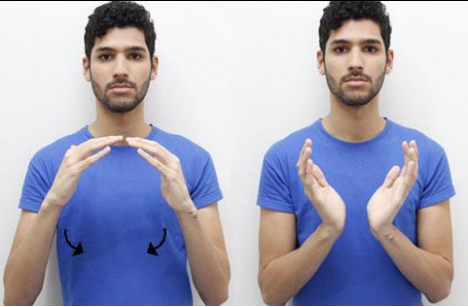
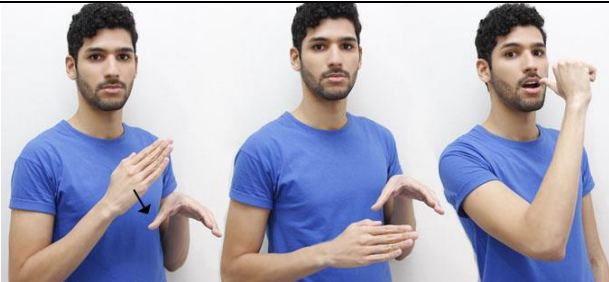
Fonte: Elaboração do autor.

Os 2 SC utilizados por Ana e Aline se referem ao ato de chorar, provocado pela ação de cortar os pedaços de cebola e, produzir lágrimas e/ou a ardência nos olhos. Estes sinais possuem a mesma motivação do sinal convencional. O sinal de Davi se refere ao cortar os pedaços de cebola. Apesar do sinal da Ana não fazer referência a signo CEBOLA é semelhante ao gramatical. Ela apresenta CM em “S” e o sinal de Brandão em “A”, no mesmo local como o mesmo movimento e orientação.

4.6 A lexia COCO

Figura 26 – COCO

	<p>BRANDÃO (2011)</p> <p>Mãos abertas, dedos curvados e separados. Posicionar as mãos perto do ouvido [...] sacudir simultaneamente as mãos, imitando o gesto de quem balança um coco para ouvir o barulho da água (BRANDÃO, 2011, p. 184);</p>
	<p>Mãos abertas com dedos unidos curvados, polegar afastado, palma da mão uma de frente para outra. Logo em seguida, a mão dominante com a mão configurada em "D" palma para baixo faz o movimento para baixo e depois com os dedos levantados com pontas dos dedos polegar e indicador tocando a boca. Expressão de que está sugando algo;</p>
 <p>JOÃO</p>	<p>Dedos indicadores e polegares levantados e curvados, palma da mão uma de frente para outra, em frente ao busto. Expressão com lábios projetados.</p>

 <p style="text-align: center;">ALINE</p>	<p>Mãos abertas dedos um pouco afastados e curvados, em frente ao queixo, palma para baixo, as pontas dos dedos tocando levemente, logo em seguida palmas para cima com pulsos tocando.</p>
 <p style="text-align: center;">PAULO</p>	<p>Mão passiva dedos unidos e polegar levantado, ambos curvados, parada em frente ao busto, palma da mão contralateral. Enquanto isso, a mão dominante aberta com dedos unidos, palma para o lado direito, com movimento retilíneo para baixo sobre a lateral do dedo polegar e indicador da mão passiva, como se estivesse cortando pedaço de cima do coco. Logo em seguida, mão dominante somente com o polegar levantado tocando a boca, com expressão de que está bebendo algo.</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Nota-se que os SC utilizados por eles são formas que percebem o conceito de COCO e alguns se referem ao ato de beber. O sinal da Ana representa-se ao tomar um coco em um lugar; já o Paulo, cortar de cima do coco para conseguir um buraco, em seguida tomar. Contudo, nenhuns dos sinais caseiros são semelhantes ao sinal da Libras, porém a CM do sinal produzido por Ana na primeira sequência da foto é a mesma CM da Libras, só que mudam o local e movimento. Quanto ao sinal de João, a CM só mãos fechadas com dedos indicadores e polegares levantados e curvados, diferente do detalhe do sinal gramatical e podem fazer referências a diversos objetos.

4.7 A lexia FRANGO

No dicionário de BRANDÃO (2011) há uma variação para o sinal de frango e pão (conforme na *Figura 29*) não muito utilizado nesta região, portanto, para análise das lexias citadas utilizei o sinal do dicionário de Capovilla e Raphael (2001).

Figura 27 – FRANGO



CAPOVILLA e RAPHAEL (2001)

Mão direita vertical aberta, palma para a esquerda, diante da testa. Baixar a mão fechando os dedos, um por um, iniciando pelo mínimo (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 688);

<p>ANA</p>	<p>Mãos fechadas com braços dobrados, palmas para baixo. Em seguida, movimentar os cotovelos para baixo e para cima, duas vezes;</p>
<p>PAULO</p>	<p>A mesma descrição do sinal utilizado pela Ana.</p>
<p>JOÃO</p>	<p>Mão esquerda aberta parada com dedos unidos, palma para cima. Mão direita aberta com dedos unidos e polegar esticado, sobre a mão esquerda.</p>
<p>DAVI</p>	<p>Mão dominante aberta dedos unidos palma para baixo, lateral do dedo mínimo tocando o lado direito do pescoço, com movimento de trás para frente, duas vezes.</p>

Fonte: Elaboração do autor.

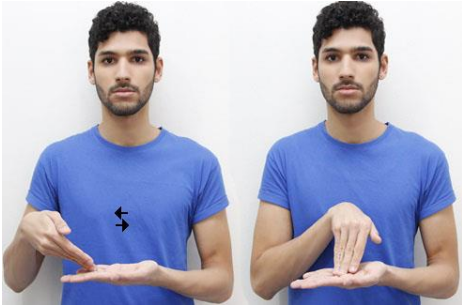
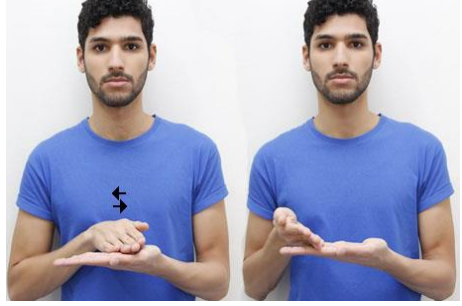
Os 2 primeiros SC são idênticos, se referem ao movimento das asas de galinha ao voar; SC de Paulo se representa ao tamanho/altura de galinha; O sinal de Davi, é motivado pelo ato de cortar o pescoço da galinha. Sinal da Libras FRANGO não se identifica com esses SC, contudo, a motivação do sinal da Libras é a crista de galinha e do sinal de Ana e Paulo é o ato de bate as asas. É perceptível que o sinal apresentado por Ana e Paulo é comum e utilizados por várias comunidades de fala.

4.8 A lexia manteiga

Figura 28 – MANTEIGA



<p>ANA</p>	<p>A mesma descrição de Brandão.</p>
<p>CARLOS</p>	<p>A mesma descrição do sinal por Brandão, diferença na configuração de mão da mão dominante, é dedo polegar levantado.</p>

 <p style="text-align: center;">ALINE</p>	<p>Mãos abertas com dedos unidos palma para cima, em frente à barriga. Pontas dos dedos da mão dominante tocando as pontas dos dedos da mão passiva, logo em seguida movimento para a palma da mão passiva, mudando a orientação da mão para dentro.</p>
 <p style="text-align: center;">PAULO</p>	<p>A mesma descrição de Brandão.</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Os SC se referem ao movimento de passar manteiga no pão. Eles são semelhantes como sinal da Libras apresentado por Brandão, principalmente local e movimento, inclusive sinal da Ana que é idêntico. Percebe-se que os sinais são variantes, ou seja, são formas em variação.

4.9 A lexia PÃO

Figura 29 – PÃO



<p>ANA</p>	<p>Mão dominante aberta dedos unidos palma para o lado esquerdo. Mão passiva aberta e curvada com polegar afastado, palma da mão para cima, em frente à barriga. Em seguida, a lateral do dedo mínimo da mão dominante tocando a palma da mão passiva.</p>
<p>CARLOS</p>	<p>Mãos abertas dedos unidos. Mão passiva com palma da mão para cima e mão dominante com palma da mão para a esquerda tocando a palma da mão passiva. Mão dominante com movimento de que está cortando algo.</p>
<p>PAULO</p>	<p>A mesma descrição do sinal produzido por Ana.</p>

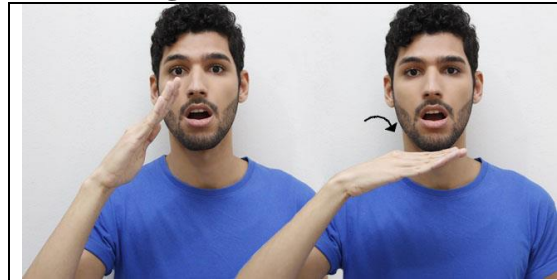
Fonte: Elaboração do autor.

A representação dos sinais caseiros utilizados por Ana, Carlos e Paulo ao cortar o pão ao meio, é semelhante, porém, a mão passiva do Carlos é aberta com os dedos unidos e retos,

já as mãos dos outros são curvadas, apresentando uma variação. Nenhum desses SC se identificam com o sinal de Brandão.

4.10 A lexia pimenta

Figura 30 – PIMENTA



BRANDÃO (2011)

Mão aberta, dedos unidos e esticados, palma para trás. Posicionar a mão perto do queixo, abrindo um pouco a boca e movendo com rapidez a mão para cima e para baixo, três ou mais vezes, imitando o gesto de quem abana a boca para aliviar uma sensação de ardor (BRANDÃO, 2011, p. 528);

<p style="text-align: center;">ANA</p>	<p>Mão dominante em "D" tocando o lábio inferior. Logo em seguida mão aberta com dedos unidos, com movimento em frente à boca aberta, de cima para baixo, duas vezes;</p>
<p style="text-align: center;">PAULO</p>	<p>Mão dominante aberta com dedos separados, palma para o lado direito em seguida movimentá-la para baixo, duas vezes em frente à boca. Expressão de que come alguma coisa quente.</p>
<p style="text-align: center;">ALINE</p>	<p>Mão dominante em "G", ponta do indicador tocando o lábio inferior. Expressão de alguma comida amarga;</p>



Mão dominante aberta com dedos esticados fechando em frente à boca. Expressão de que algo está quente;

Fonte: Elaboração do autor.

Os 2 primeiros SC se referem ao ato de abanar a boca ardendo quando comer pimenta que muitos fazem assim. A motivação de todos os sinais é a ardência que é demonstrada pela expressão facial, seja de boca aberta, sugando ou franzido a testa, e todos estão sinalizados perto da boca, lugar que onde nos alimentamos.

Desse modo, pudemos observar que dos 34 sinais caseiros coletados todos são articulados através parâmetros convencionados em seus lares. Destes, 2 são sinalizados iguais ao sinais convencionais; 10 são muito semelhantes com variações visológicas e 22 sinais, embora se apresentem diferentes dos sinais convencionais (confere no *Quadro 5*), possuem mais de dois parâmetros em cada sinal, ou seja, se apresentam como variantes locais.

Quadro 5 – síntese comparando as semelhanças e diferenças entre os sinais realizados pelos surdos e os encontrados no dicionário.

	Quantidade	Quantos são iguais	Quantos se assemelham	Quantos se diferenciam
Banana	2		2	
Bolacha	4		1	3
Bolo	2		1	1
Carne	4			4
Cebola	3		1	2
Coco	4		1	3
Frango	4			4
Manteiga	4	2	2	
Pão	3			3
Pimenta	4		2	2
TOTAL	34	2	10	22

Do ponto de vista lexical, por exemplo, muitos gestos criados por ouvintes e sinais criados no ambiente caseiro apresentam todas as propriedades que um sinal da Libras apresenta, podendo ser perfeitamente compreendidos, de um ponto de vista sociolinguístico, como variantes locais. Além disso, estudos demonstram que os sinais caseiros podem sim apresentar um nível básico de

estruturação tanto no nível morfológico quanto no sintático (GOLDIN-MEADOW, 2003 *apud* DINIZ, 2011).

Assim, estes sinais não podem ser desprezados, ao contrário, precisam ser compreendidos como sinais que possuem parâmetros visológicos, pois, cada SC tem um significado e possuem as propriedades de um sinal da Libras, ela surge para possibilitar uma comunicação.

OS ÚLTIMOS SINAIS

O estudo sobre sinais caseiros é um tema relevante porque ainda é principiante na academia. Enquanto para muitos o reconhecimento linguístico da Libras já não é recente, as poucas pesquisas sobre sinais caseiros tem demonstrado o quanto temos ainda a investigar sobre essa língua.

A Libras é uma língua que não faz parte da vida de muitos surdos brasileiros, principalmente como primeira língua. Devido à proibição de seu uso ocorrido no Congresso de Milão em 1880, a maioria dos surdos ficou isolada e, na sua necessidade instintiva, desenvolveram sinais para se comunicar com seus familiares ouvintes. Imaginem como seriam para esses surdos se não tivessem esses sinais?

Contudo, como ocorre em qualquer língua, esses sinais criados nessa emergência comunicacional são marginalizados. Os surdos não usuários da Libras e em contato com seus familiares ouvintes não utilizam apenas de gestos sem sentido, mas estabelecem um signo/sinal para cada coisa e este é utilizado, as vezes, por toda a sua vida.

Portanto, o termo “sinal caseiro” deve ser valorizado como uma língua e não caracterizado apenas como gesto. A pesquisa mostrou que os sinais criados por estes surdos e seus familiares possuem detalhes (parâmetros) idênticos ao encontrados nos sinais convencionais, exceto o parâmetro configuração de mão utilizado por Paulo para sinalizar a lexia BOLACHA, que apresenta uma variante não encontrado nas tabelas de configurações de mãos disponíveis.

As famílias combinam com surdos para usarem sempre os mesmos parâmetros, como se eles criassem dicionário caseiro para comunicar, contudo, nosso estudo não objetivou analisar outros aspectos destes sinais como a restrição sintática. Talvez no nível sintático haja restrições que evidenciem a limitação dos sinais caseiros.

Portanto, nesta pesquisa ficou evidente que os sinais utilizados pelos surdos adultos de Amargosa possuem menos restrições do que os gestos ou os dêiticos (apontação) muito usados pelo surdo Carlos. A apontação exige muito a presença do objeto. É importante destacar que o ato de apontar não é feio, é língua e é sinal (FALCÃO, 2015). É a primeira fase no desenvolvimento da língua de sinais, é o balbucio manual. (QUADROS, 1997). Carlos, por ser filho de ouvintes e não participar de nenhuma comunidade surda, está passando por este processo de balbucio com 7 anos e isso é preocupante!

Observamos que a motivação para criação dos SC está diretamente relacionada à percepção do surdo adulto, através de suas experiências visuais. É o significado que ele dá as

coisas experimentadas. Alguns sinais caseiros se assemelham com alguns sinais da Libras como as sinalizações para BANANA; BOLACHA; BOLO; CEBOLA; COCO; MANTEIGA; PIMENTA. Isso demonstra que os sinais caseiros são uma porta de entrada para aquisição da Libras; são produções de sinais convencionais no ambiente familiar constituída de parâmetros.

Na pouca amostra desta pesquisa ficou evidente que cada grupo familiar tem seus próprios sinais, convencionados dentro de seus lares e por isso, quando estes surdos passam a ter contato com outros surdos usuários da Libras são marginalizados.

As produções dos surdos, que vem de casa, precisam ser vistas como recursos linguísticos que podem contribuir para o desenvolvimento linguístico da Libras. Os sinais caseiros devem ser contextualizados e valorizados no ambiente escolar do surdo, nas turmas bilíngues, no AEE entre outros espaços, para que esses sujeitos consolidem uma identidade linguística, ou seja, se aproprie da Libras e, se torne um sujeito social, cidadão.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos.** 103 f. il. 2010 Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp145379.pdf>> Acesso em: 21 de janeiro de 2017.

ALBARES, Raquel Servino da Silva; BENASSI, Claudio Alves. Comunicação gestual caseira e Libras: semelhanças e diferenças oriundas das necessidades comunicacionais. Em: **Revista Diálogos: linguagens em movimento.** Ano III, N. I, jan.-jun., 2015.

ALMEIDA, Wolney Gomes. **Introdução à língua brasileira de sinais.** Ilhéus: UAB/UESC, 2013.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Libras em Jogo, jogo de cartas.** Belo Horizonte: Libras Escrita, 2012.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática.** 202 f. il. 2008 Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em <

<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>>. Acesso em 07 de setembro de 2017.

BRANDÃO, Flávia. **Dicionário Ilustrativo de Libras.** São Paulo: Global, 2011.

_____. BRASIL, *Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005.* Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005.

_____. BRASIL, *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002.* Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.

BRITO, Fábio Bezerra de; NEVES, Sylvia Lia Grespan; XAVIER, André Nogueira. **O movimento surdo e sua luta pelo reconhecimento da LIBRAS e pela construção de uma política linguística no Brasil.** In: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira. *Libras em estudo: descrição e análise.* São Paulo: FENEIS, 2012, p. 67-99.

BUENO, Silveira. **Minidicionário de Língua Portuguesa.** 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** Volume I e II. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COSTA, Victor Hugo Sepulveda da. **Gestualidade e iconicidade nas línguas naturais: a configuração de mão da Língua Brasileira de Sinais.** In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller de; LEITE, Tarasio de Arante (orgs.) **Estudos da língua brasileira de sinais II.** Florianópolis: Insular, 2014, p. 79 – 101.

DAMASCENO, Leticia de Souza Magalhães. **Surdos Patoxó: inventário das línguas de sinais em território etnoeducacional.** 180 f. il. 2017 Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares. Disponível em <
https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf
> Acesso em 19 de julho de 2017.

DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati. **Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia.** 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em
<<http://peadalvorada7.pbworks.com/f/libras1.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2017.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras.** Petrópolis: Arara Azul, 2011.

FALCÃO, Luiz Albérico. **Educação de Surdos: comportamentos, escolarização e o mercado de trabalho.** 2ª ed. Recife: Ed. do autor, 2015.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática da língua de sinais.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA, Adir Luís et al... (orgs.). **Aprendendo Libras: módulo 2.** Natal: EDUFRN, 2011.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos.** Rio de Janeiro: INES, 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editoria, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro no contexto de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus, 2007.

MCCLEARY, Leland. VIOTTI, Evani. **Língua e gesto em línguas sinalizadas.** VEREDAS ON LINE – ATEMÁTICA – 1/2011, p. 289-304 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – Juiz de Fora, 2011.

PANIAGUA, Gema. **As famílias de crianças com necessidades educativas especiais.** In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. Trad. Fátima Murad. **Desenvolvimento psicológico e educação.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **A constituição política, social e cultural da língua brasileira de sinais – Libras.** In: Machado, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (orgs.). **Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda.** 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de; Libras IV. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de. ASSIS, Maria Cristina (org.) **Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas V**. 2ª ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

_____. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, Robeivaldo Correia dos; SANTOS, Camila Fernandes dos; SANTOS, Emmanuelle Félix dos. **Fonologia da Libras e a (re)afirmação linguística: o óbvio que ainda precisa ser dito**. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVII, Nº 08. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2008.

_____. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. 176 f. il. 2008 Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis; CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. **O Problema da iconicidade na eliciação dos dados**. In: XII Seminário de Linguística Aplicada e VII Seminário de Tradução, 2016, Salvador. v. 01. p. 07-140. Salvador: Edufba, 2016.

_____. **Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de Libras e português escrito como L2**. In: **SIELP**, 2014. Uberlândia. Anais do SIELP, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
 Centro de Formação de Professores – CFP
 Curso de Licenciatura em Letras: Libras



ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Pesquisador: Leandro Viturino dos Santos

Orientadora: Emmanuelle Félix dos Santos

Trabalho: “A visologia dos sinais caseiros utilizados por familiares de surdos e sujeitos surdos de Amargosa – Bahia: que diferenças e semelhanças existem entre os sinais caseiros e sinas da Libras?”

QUESTÕES PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU SURDA:			
Nome (opcional)			
Idade		Local	
Gênero: [] Mulher [] Homem [] Outros	Condição de audição: [] Pessoa com surdez [] Com deficiência auditiva		
Escolaridade: [] Ensino Fundamental incompleto [] Ensino Fundamental completo [] Ensino Médio incompleto [] Ensino Médio completo [] Não estuda			
Tem intérprete de Libras na sala de aula? [] Sim [] Não	Como dialoga com seus professores e colegas? [] Libras [] Mímica/ gesto [] Outros _____		
Sabe língua portuguesa? [] Sim [] Não	Nível: [] Básico [] Intermediário [] Avançado		
Sabe usar Libras? [] Sim [] Não	Nível: [] Básico [] Intermediário [] Avançado		
Faz leitura labial? [] Sim [] Não	Sabe oralizar? [] Sim [] Não		
Em casa, tenha mais contato com quem? [] Mãe [] Pai [] Irmão/ã [] Avó [] Avô [] Outros _____			
Seus parentes ou amigos conseguem entender o que você se expressa? Se sim, como _____			
Como convive com a sociedade? _____			
Gosta mais de lugares como: [] Feira [] Ficar em casa [] Outros _____			

Usa algum tipo de aparato técnico, tecnológico digital? Se sim, quais?

Usa tecnologias para fazer chamada de vídeo com alguém, usando seu modo de comunicação?

Data: ____/____/____

APÊNDICE B

QUESTÕES AOS PAIS E/OU PESSOA QUE TENHA CONTATO COM SURDO:			
Nome (opcional)			
Idade		Local	
Categoria		Formação	
Como sua relação com pessoa com DA ou surda? Quais dificuldades? _____			
Como dialoga com seu filh@/irmão ou parente surd@? <input type="checkbox"/> Libras <input type="checkbox"/> Mímica/ gesto <input type="checkbox"/> Misturar Libras com gesto <input type="checkbox"/> Outros _____			
Já fez algum curso de Libras? Quando? _____			



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da pesquisa desenvolvida sob a responsabilidade do estudante Leandro Viturino dos Santos, vinculado ao Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, sob orientação da Professora Emmanuelle Félix dos Santos.

Esta pesquisa objetivar analisar as semelhanças e diferenças entre os sinais da Libras e sinais caseiros utilizados por familiares de surdos de Amargosa – Bahia e, concomitantemente, ampliar o conhecimento científico nesta área. Desse modo, esclarecemos que sua participação nesta pesquisa é voluntária e se dará por meio de entrevista com uso do recurso de vídeo, com autorização prévia, para permitir uma transcrição fidedigna das falas. Os resultados serão armazenados, analisados e apresentados sem qualquer menção dos nomes dos (as) participantes.

Os riscos decorrentes de sua participação nesta pesquisa são: o desconforto por responder questões relacionadas à sua vida/relação comunicativa, a possibilidade de atrapalhar a realização de suas atividades laborais, a necessidade de disponibilização do seu tempo. Entretanto, como forma de minimizar/evitar tais riscos, algumas providências serão tomadas, a exemplo, da possibilidade de escolha de um ambiente privativo para realização da entrevista, definição de um tempo que não altere significativamente a sua rotina de trabalho e de um horário que lhe seja mais conveniente para realização da entrevista. Ressaltamos que o (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa.

Se depois de consentir com sua participação o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Ratificamos que os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Estamos à disposição para maiores esclarecimentos e caso haja qualquer dúvida ou preocupação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável por esta pesquisa por meio do seguinte endereço eletrônico: leo.viturino@hotmail.com.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____, fui informad@ sobre os objetivos, benefícios e riscos da pesquisa acima descrita e compreendi as explicações fornecidas. Por isso, concordo em participar desta pesquisa, sabendo que não vou ter retorno financeiro e que posso desistir de participar a qualquer tempo. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim, pelo (a) pesquisador (a), pelo orientador e pela coorientadora ficando uma via com cada um de nós.

Amargosa, ___/___/___

Assinatura do participante

Leandro Viturino dos Santos
Assinatura do pesquisador

Prof. Ma. Emmanuelle Félix dos Santos
Assinatura da orientadora